

REFORMADOR

ISSN 1413-1749

REVISTA DE ESPIRITISMO CRISTÃO

FUNDADA EM 21-1-1883

ANO 116 / FEVEREIRO, 1999 / Nº 2.039

Fundador: Augusto Elias da Silva

Propriedade e orientação da



FEDERAÇÃO ESPÍRITA
BRASILEIRA

DIREÇÃO E REDAÇÃO

Rua Souza Valente, 17
20941-040 - Rio - RJ - Brasil



INTERNET

PÁGINA NA WEB:
<http://www.febrasil.org.br>

E-MAIL:
feb@febrasil.org.br

Editorial – Confraternização	2
Fraternidade - Juvanir Borges de Souza	3
Tempo e Nós - André Luiz	7
Mundos Transitórios - Paulo de Tarso São Thiago	8
Personalidades Múltiplas – Joanna de Ângelis	11
Aflições: Impulsos Evolutivos - A. Merci Spada Borges	14
Doutrina e Crendices – Washington Borges de Souza	17
Amor – João da Cruz	20
Apologia da Dor – Mauro Paiva Fonseca	21
Esforando o Evangelho – Pensa um Pouco – Emmanuel	23
Um Amor Diferente – Carlos Augusto Abranches	24
A FEB e o Esperanto – Cartas de Zamenhof – Affonso Soares	28
Sinopse dos Principais Fatos Referentes às Origens do Espiritismo – Silvio Seno Chibeni	32
A Nosso Favor - João da Silva Carvalho Neto	40
Radiografia da Vaidade – Passos Lírio	42
O Egoísmo – Gebaldo José de Sousa	44
Espiritismo e Materialismo	46
Energia e Consciência – Carlos Bernardo Loureiro	47
Alberto de Souza Rocha – Antônio Lucena	49
I Congresso Espírita Brasileiro	51
O Olhar de Jesus – Mário Frigéri	52
Seara Espírita	53

Nota: “Caminho, Verdade e Vida”, que em 18ª edição está completando 50 anos, é o livro que ilustra a nossa capa. Ditando-o através da mediunidade de F. C. Xavier, Emmanuel inicia assim o seu trabalho. “Jesus é o Caminho, a Verdade e a Vida, Sua luz imperecível brilha sobre os milênios terrestres, como o Verbo do princípio, penetrando o mundo, há quase vinte séculos”. É o primeiro de uma série de quatro livros em que Emmanuel realiza valioso trabalho interpretativo das lições do Evangelho e dos Atos dos Apóstolos.

Editorial

Confraternização

Em novembro de 1997, o Conselho Federativo Nacional da FEB, em sua reunião ordinária, acolheu a idéia da realização de um Congresso Espírita Brasileiro, a ser promovido pela Federação Espírita Brasileira, em comemoração do cinquentenário da Grande Conferência Espírita do Rio de Janeiro (Pacto Áureo).

A Federação Espírita do Estado de Goiás propôs-se a realizar o Congresso, em Goiânia, em estreita cooperação com a FEB.

Constituída a Comissão Organizadora, em novembro de 1998, sua primeira reunião, em dezembro desse ano, foi um acontecimento marcante, não somente pela fluência das idéias, rapidamente aceitas ou rejeitadas, mas principalmente pelo clima de entendimento entre obreiros de tendências diversificadas, mas atentos à responsabilidade de trabalhadores de uma Doutrina que se caracteriza pela fraternidade, como princípio.

Este número de REFORMADOR insere notícia sintética desse encontro realizado na sede da USEERJ, no Rio de Janeiro.

Neste registro, queremos ressaltar dois aspectos que vão, por certo, caracterizar o espírito do projetado Congresso:

a) o propósito de **confraternização** de todos os espíritas, em benefício da **unificação** e da **divulgação** da Doutrina dos Espíritos;

b) a abrangência do Congresso, que procurará interessar aos trabalhadores de todas as Instituições Espíritas, os adeptos do Espiritismo e os simpatizantes da Doutrina, em geral.

Observe-se, pelos objetivos dos organizadores, uma amplitude, uma abrangência e uma confiança no público-alvo que não encontra similares em congressos anteriores.

O espírito do Congresso projetado está, sem dúvida, em consonância com a índole e com o caráter da Doutrina do Consolador.

Havendo compreensão, fraternidade autêntica, esforço individual, renúncia ao personalismo em favor do entendimento geral, o que é perfeitamente viável, o Congresso poderá transformar-se numa demonstração de que o Espiritismo influi poderosamente sobre seus adeptos que pretendem renovar-se no Bem.

Será a comprovação de que não foi em vão o esforço do Codificador que, percebendo a grandeza da Doutrina dos Espíritos, traçou para o futuro a estrada do Trabalho, da Solidariedade e da Tolerância para todos os que aceitam sinceramente a Doutrina Consoladora.

Fraternidade

JUVANIR BORGES DE SOUZA

A Mensagem do Cristo de Deus dirigida às Humanidades, que se sucedem e se renovam, é um apelo permanente à fraternidade entre todos os homens – irmãos, amigos, ou inimigos.

“Amai-vos uns aos outros”; “Ama ao próximo como a ti mesmo”; “Ama ao teu inimigo”; “Faça aos outros o que gostarias que te fizessem” – são fórmulas com fulcro no amor, no entendimento, na compreensão, na fraternidade, ensinadas e repetidas sucessivamente nos Evangelhos.

O Consolador, prometido e enviado pelo Mestre Incomparável, que já se encontra entre os homens, reproduz e enfatiza os mesmos ensinamentos, procurando despertar as almas para as fontes do Bem que todas possuem em desenvolvimento ou em gérmen.

As vidas que se sucedem, para a ascensão contínua de cada ser espiritual, são repetidas oportunidades que a Providência Divina oferece para o aprendizado do amor fraterno entre as criaturas.

Aqueles que já despertaram e reconheceram a necessidade da vivência do “maior dos mandamentos”- o amor a Deus e ao próximo – tornam-se não somente os praticantes, mas também os auxiliares da obra divina da implantação da fraternidade legítima entre os homens.

A tarefa que compete a cada ser realizar em si mesmo resume-se em expandir seus conhecimentos e aprender a amar, exercitando esse sentimento, que se desdobra em múltiplas formas no relacionamento com o Criador, com os semelhantes e com a Natureza.

Todo o esforço, todo o trabalho do Espírito, ligado à matéria ou em estado livre, constitui o carreiro da evolução, no qual o ser desenvolve a sabedoria e o senso do Amor e da justiça, que resumem toda a Lei.

A fraternidade é decorrência natural da prática dessa Lei universal.

Dentre os homens, aqueles que, impelidos por idéias, religiões e filosofias reconhecem o Ser Supremo e suas leis, constroem uma consciência esclarecida pelo sentimento de amor e justiça. Suas vidas tornam-se exemplos de fraternidade, de solidariedade e de serviço ao próximo.

O Consolador, a Doutrina dos Espíritos, é um manancial permanente onde os aprendizes das verdades eternas aperfeiçoam seus conhecimentos e sua consciência, reeducam-se, renovam-se intimamente, compreendem o porquê da vida, das desigualdades, do sofrimento, da morte e das transformações.

Na medida em que o adepto espírita aplica sua vontade e determinação em vivência dos princípios morais e espirituais que abraçou, ele se eleva, domina as paixões e vicissitudes, que identifica em sua personalidade, renova-se, evolui, identifica-se com sua verdadeira natureza que, mesmo em conjunção com a matéria, é essencialmente espiritual.

Na trilha do Cristo e de seus ensinamentos, os trabalhadores da Nova Revelação, especialmente os que constituíram a falange do Espírito da Verdade e os que, nos dias atuais, apoiam e incentivam a propagação do Espiritismo no mundo, dão ênfase especial à necessidade da fraternidade no relacionamento entre seus seguidores.

Todos os que chegam às fileiras do Consolador despertam de um estado

de consciência anterior influenciado por religiões dogmáticas, ou por filosofias limitativas, ou pelo materialismo incongruente, ou por uma indiferença comprometedora quanto ao próprio destino.

Na realidade, são influências de determinado estado de ignorância em que se encontra o Espírito, cerceando seu desenvolvimento e melhor compreensão de sua própria natureza e destino.

Esse estágio de ignorância não é um mal em si mesmo, mas uma condição transitória, superável pelo advento de novos conhecimentos e pela aceitação de realidades que se tornam patentes.

A evolução é feita pela substituição contínua de conhecimentos e sentimentos por outros superiores, concordantes com a lei divina.

Uma Doutrina Superior, como a dos Espíritos, em consonância com as verdades e realidades, isenta dos prejuízos das paixões e interesses humanos, porque tem origem divina, auxilia de forma decisiva o progresso daqueles que a aceitam e a praticam com sinceridade.

Ela vem em socorro de todos os que estão à procura de um novo estágio evolutivo, saturados e inconformados com dogmas impróprios, superados pelas luzes dos novos conhecimentos.

É o Consolador prometido por Jesus, para repor as coisas nos seus devidos lugares, retificando entendimentos e interpretações e trazendo novas idéias, informações e experiências para os homens.

Aceitando a Nova Revelação o homem sente-se como que liberto de liames de um longo passado de ignorância e de insatisfação. Reconhece ter chegado a um novo estágio evolutivo, em um terreno favorável ao desenvolvimento de ideais que o encaminham para o Alto, com a segurança que as leis divinas proporcionam aos que as praticam.

Nesse despertar para a luz, as reações de cada ser variam de conformidade com os próprios valores individuais.

Há os que se sentem felizes e libertos, transformando suas vidas e dominando as vicissitudes e os óbices com vontade e determinação. Tornam-se servidores conscientes, espíritas sinceros, trabalhadores dedicados da Grande Causa, nas mais variadas atividades a que se dedicam: oradores, escritores, dirigentes, médiuns, evangelizadores, obreiros da assistência espiritual e material.

Outros esforçam-se por se modificarem, conscientes de que precisam dominar ora o egoísmo, ora a vaidade, ora o personalismo que identificam em suas individualidades. Travam luta interior consigo mesmos, das quais nem sempre saem vencedores imediatamente. Em todo caso, a lei natural e a Doutrina Consoladora oferecem tempo indeterminado para a reforma interior, aguardando que os esforços de cada um produzam seus efeitos, nesta ou noutra vida.

Há, também, os que se entusiasмам com os princípios edificantes, que lhes descortinam uma nova realidade, nesta e na vida futura, mas que temem romper com suas antigas concepções religiosas ou filosóficas, dominados que são por preconceitos arraigados.

Perdem a oportunidade preciosa que lhe oferece o conhecimento espírita de uma renovação consciente e proveitosa, preferindo o comodismo a que se afeiçoaram por séculos.

As ilusões, as miragens e as quimeras próprias de um mundo material de expiações e provas, como o nosso, exercem poderosa influência sobre as almas, mesmo sobre as que já vislumbram novos horizontes. Daí a dificuldade da divulgação das idéias novas superiores e da sua vivência pelos que as aceitam.

Muitos não têm ainda a capacidade de entender e absorver as verdades da Nova Revelação. Suas inteligências se comprazem no que aprenderam antes, em conceitos e preconceitos seculares cristalizados de tal forma em seus entendimentos que se torna inviável removê-los pela razão e pela evidência de um valor novo. Nesses casos há que se confiar na Providência Divina, que tem muitos meios para fazer chegar a essas almas as verdades superiores: a dor, novas reencarnações, novos meios de reeducação, reencontro com novas oportunidades.

*

Compete a nós, espíritas, que nos sentimos beneficiados pelo conhecimento da Nova Luz, antes de tudo vivenciar os seus ensinamentos. Mas cumpre-nos também levar essa luz aos nossos semelhantes, companheiros de jornada de diferentes condições individuais.

Divulgar a Doutrina Espírita é, pois, nosso dever, como forma de praticar a caridade moral do esclarecimento.

Mas é preciso não confundir o dever moral do esclarecimento e da exemplificação com as imposições, o fanatismo, o desrespeito à pessoa humana, grandes erros em que incorrem, ainda hoje, fanáticos de diferentes denominações religiosas.

O Espiritismo é doutrina de amor e de compreensão. Não podemos forçar o entendimento de quem não tem condições de aceitar seus princípios, como, por exemplo, a lei das reencarnações, a lei de causa e efeito, a distinção entre Deus, o Criador de todas as coisas, e Jesus, o Cristo, seu enviado, questões que, entendidas espontaneamente, conduzem ao sólido terreno de todo o acervo doutrinário.

Não podemos esquecer que, ao lado do amor ao próximo, como regra de comportamento, estão também o dever de respeito à liberdade da pessoa humana, que não devemos violar, sob pena de repetir erros do passado.

O sentimento de fraternidade para com os nossos semelhantes quaisquer sejam suas condições individuais, conduz-nos com segurança à prática do que preconiza a Doutrina Espírita, aos seus princípios morais.

É a vivência dos ensinamentos de Jesus resumidos no grande mandamento do amor ao próximo como a si mesmo, que não exclui ninguém, nem mesmo os inimigos.

A fraternidade liga entre si todos os seres, e nesse aspecto, confunde-se com a solidariedade, já que todos os Espíritos são criaturas do mesmo Criador, têm o mesmo destino e são regidos pelas mesmas leis.

Não é por outro motivo que os Espíritos Superiores, a serviço do Cristo, exortam continuamente ao Movimento Espírita, vale dizer a todos os que se unem sob a égide do Consolador, a cultivarem a fraternidade, a se entenderem como irmãos.

Como assinala Emmanuel ("O Consolador", item 349 – FEB), a fraternidade é a lei da assistência mútua e da solidariedade comum, sem a qual todo progresso, no planeta, seria praticamente impossível.

Bezerra de Menezes, o incansável trabalhador das hostes espíritas, inconfundível batalhador da união fraternal de todos os espíritas, por ocasião da inauguração da primeira construção da sede da Federação em Brasília, conclamava a todos à fraternidade, nestes termos:

“Estamos enchendo a nossa Casa com o espírito de amor e com a luz do Espírito Redivivo, *para albergar no seio generoso da fraternidade* os que virão depois de nós, sedentos de luz, necessitados de paz”. (Médium Divaldo P. Franco – REFORMADOR de junho de 1967 – grifos nossos).

E o Espírito da Verdade, em “O Evangelho segundo o Espiritismo” - *Os Obreiros do Senhor* -, assim convoca os trabalhadores dedicados à obra grandiosa de transformação da Humanidade:

“Trabalhem juntos e unamos os nossos esforços, a fim de que o Senhor, ao chegar, encontre acabada a obra”, porquanto o Senhor lhes dirá: *“Vinde a mim, vós que sois bons servidores, vós que soubestes impor silêncio aos vossos ciúmes e às vossas discórdias, a fim de que daí não viesse dano para a obra!”* Mas, ai daqueles que, por efeito das suas dissensões, houverem retardado a hora da colheita (...). (Grifos nossos)

O desafio que os espíritas, “os trabalhadores da última hora”, que têm os esclarecimentos e os conhecimentos mais belos e generosos que vieram à Terra, têm diante de si mesmos é o de assimilá-los e pô-los em prática em seu Movimento.

Tempo e Nós

Você diz que não tem dinheiro para socorrer aos necessitados, mas dispõe de tempo para auxiliar de algum modo.

*

Você afirma que não pode escrever longa carta ao amigo que lhe pede conforto, mas dispõe de tempo para fazer um bilhete.

*

Você diz que não possui elementos para clarear o caminho dos que jazem no erro, mas dispõe de tempo a fim de articular algumas palavras, a benefício dos que se demoram na ignorância.

*

Você afirma que lhe falta competência, diante das tribunas edificantes, mas dispõe de tempo para essa ou aquela frase de esperança e consolo.

*

Você diz que não detém qualquer dom mediúnico que lhe garanta as atividades na sementeira do bem, mas, dispõe de tempo, a fim de colaborar na assistência aos irmãos em obstáculos muito maiores do que os nossos.

*

Você afirma que não retém bastante saúde para alentar essa ou aquela tarefa no bem aos outros, mas dispõe de tempo que lhe faculta ofertar migalha de gentileza no amparo aos semelhantes.

*

Você diz que caiu moralmente e não mais pode estender a luz da fé, mas dispõe de tempo para levantar e seguir adiante.

*

Você afirma que o companheiro é difícil de suportar, mas dispõe de tempo para renovar-lhe a maneira de ser, através dos seus próprios exemplos.

*

Você diz que a dificuldade é insuperável, mas dispõe de tempo a fim de contorná-la, atingindo a realização do melhor.

*

Você afirma que a sua felicidade acabou e estira-se na estrada, como se a sua provação fosse mal sem remédio...

Meu amigo, observe o tempo, pense no tempo, aceite o tempo e agradeça ao tempo, de vez que o tempo recomeça a cada dia e todos nós, com a Bênção de Deus, tudo podemos recomeçar.

ANDRÉ LUIZ

(Do livro "Apostilas da Vida", pelo Espírito André Luiz, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, IDE, 1986, 111p., p. 29-32)

Mundos Transitórios

PAULO DE TARSO SÃO THIAGO

“Sim, há mundos particularmente destinados aos seres errantes, mundos que lhes podem servir de habitação temporária, espécies de bivaques, de campos onde descansem de uma demasiado longa erraticidade (...)” (“O Livro dos Espíritos”, de Allan Kardec. Parte 2ª. Cap. VI Q-234)

A Astronomia e a Astrofísica, a partir sobretudo da descoberta e do aperfeiçoamento do telescópio ótico, do radiotelescópio e do telescópio orbital, com o apoio das hipóteses e teorias da moderna Física, têm permitido ao homem uma visão assaz abrangente do Cosmo.

Embora um sem-número de incógnitas e interrogações permaneçam sem solução definitiva, já são do conhecimento da Ciência os processos de formação e evolução das estrelas, a estrutura e composição em larga escala das galáxias e do espaço intergalático, a existência, possivelmente como regra, de sistemas planetários, os mecanismos de produção de energia em escala universal. Seres humanos orbitaram a Terra em satélites artificiais ou caminharam na superfície da Lua e sondas espaciais exploraram o sistema solar, além de Plutão, enviando aos laboratórios informações a respeito da superfície e da atmosfera dos planetas.

Um dos objetivos mais intensamente perseguidos pelos cosmologistas é a detecção de formas de vida orgânica fora da Terra. Esforços têm sido feitos nesse sentido, sem sucesso até o momento. Para a Ciência, portanto, até prova em contrário, o nosso planeta é o único que detém o fenômeno da vida e a Humanidade está só no Universo.

A lógica filosófica, contudo, rejeita este posicionamento, por considerá-lo absurdo, em face do que se conhece da constituição do Cosmo. Se assim fora, a vida na Terra seria o resultado de uma ocorrência, cuja probabilidade é ínfima, num processo aleatório cego. A crença num Criador rechaça a hipótese da aleatoriedade e nos leva a admitir um propósito em toda a dinâmica da vida na Terra e no Universo. A esse respeito, a Ciência é carente de dados e se omite e a Filosofia a contradiz, através da especulação e da lógica corrente.

Para sanar a contradição, recorremos então à Revelação, que trouxe novas luzes à questão. Referimo-nos à Terceira Revelação, à Doutrina Espírita, codificada por Allan Kardec e divulgada ao mundo, a partir de 1857, através das obras básicas, e ampliada posteriormente, nos últimos cento e quarenta anos, por uma vasta literatura espírita.

As questões 55 a 58 de “O Livro dos Espíritos” abordam, ainda que sem muitos detalhes, a problemática da vida fora do nosso planeta. Em resposta à pergunta 55 (“São habitados todos os globos que se movem no espaço?”), formulada pelo Codificador, os Espíritos Superiores dão a seguinte resposta:

“Sim e o homem terreno está longe de ser, como supõe, o primeiro em inteligência, em bondade e em perfeição. Entretanto, há homens que se têm por espíritos muito fortes e que imaginam pertencer a este pequenino globo o privilégio de conter seres racionais. Orgulho e vaidade! Julgam que só para eles criou Deus o Universo”.

Resposta admirável e que inspira credibilidade, porque isenta de rodeios e de expressões rebuscadas. É positiva e direta, não deixando espaço para dúvidas. Afirma de forma peremptória que a vida e a inteligência não são

exclusividade da Terra, mas se espalham nos incontáveis mundos disseminados pelo Universo infinito.

Em “A Gênese”, obra que compõe o pentateuco kardequiano, nas questões 53 a 61, do capítulo VI, que correspondem aos tópicos *A Vida Universal e Diversidade dos Mundos*, tecem-se considerações mais detalhadas sobre o assunto, reafirmando a pluralidade dos mundos habitados.

O “Evangelho segundo o Espiritismo” dedica um capítulo inteiro (cap. III) à questão, sob o título: *Há muitas moradas na casa de meu Pai*, expressão retirada do Novo Testamento, do seguinte trecho:

“Não se turbe o vosso coração. – Credes em Deus, crede também em mim. Há muitas moradas na casa de meu Pai, se assim não fosse, já eu vo-lo teria dito, pois me vou para vos preparar o lugar. – Depois que me tenha ido e que vos houver preparado o lugar, voltarei e vos retirarei para mim, a fim de que onde eu estiver, também vós aí estejais”. (João, 14;1-3).

As muitas moradas a que se referia Jesus são os mundos materiais que rolam pelo espaço. Em sua diversidade, abrigam seres de variadas estruturas e formas, todos eles em processo evolutivo incessante, e que buscam, consciente ou inconscientemente, o aperfeiçoamento espiritual.

Na esfera dessa transcendental questão, há um tópico interessante, curioso e pouco abordado na literatura espírita ou não-espírita. Trata-se de *Mundos transitórios*, enfeitado nas questões 234 a 236 de “O Livro dos Espíritos”. O trecho em epígrafe é parte da resposta à pergunta 234, formulada pelo Codificador. Da análise do tópico em discussão, pode-se elaborar a seguinte sinopse a respeito, acrescentando-se algumas conclusões racionais:

- Os chamados mundos transitórios são orbes – planetas, satélites, algumas categorias de estrelas – que, apesar de não albergarem seres orgânicos, por suas condições físicas impróprias, constituem-se estações de repouso a Espíritos errantes.
- A Lua, por exemplo, é um forte candidato a mundo transitório, por sua completa esterilidade, no que concerne à vida orgânica. A Terra já o teria sido, durante o período de sua formação, conforme afirmam os Espíritos Reveladores nas alíneas *d* e *e*, da questão 236. É possível que alguns planetas do sistema solar também o sejam presentemente, a exemplo de Vênus e Mercúrio.
- Os Espíritos errantes que se demoram em mundo transitórios aí permanecem temporariamente. Embora estagiem em regime, digamos assim, de repouso mental, porque afastados das lides reencarnatórias e dos sofrimentos e embates impostos pela condição ordinária de erraticidade, eles podem evoluir, principalmente na vertente intelectual, pois encontram subsídios e o campo apropriado para o aprendizado.
- Por serem destituídos de corpo orgânico-material, os Espíritos errantes que “habitam” os mundos transitórios podem deixá-lo livremente, no momento que lhes aprouver, temporária ou definitivamente. Segundo a sua condição evolutiva, seus “vãos” podem ser maiores ou menores. Ficam restritos a paragens próximas ou podem percorrer o espaço sideral, em visita a estrelas e galáxias.
- A condição de mundo transitório é temporária, sendo um estágio no processo de transformação e evolução do orbe.

Segundo as teorias científicas mais aceitas atualmente, a Lua é um orbe “morto”, porque já não apresenta qualquer condição de albergar vida orgânica.

Não há água, pelo menos sob forma líquida e gasosa, e nem atmosfera. No passado, ela teria sido um astro “vivo”, e a sua morte, a resultante do processo evolutivo natural e inexorável.

As estrelas com massa aproximadamente igual à do Sol, um pouco maior ou menor, seguem um caminho evolutivo que as conduz, em seu estágio final, ao que os astrônomos chamam de *anãs brancas*. São astros densos, quentes e de baixa luminosidade. Por terem consumido todo o combustível nuclear, responsável pela produção de energia, sofreram colapso gravitacional, reduzindo-se a 1% do seu raio original. A aceleração da gravidade à sua superfície é muito elevada e a pressão atmosférica, imensa.

As *estrelas de nêutrons* são o estágio final de estrelas de massa três a quatro vezes superior à do Sol. Ao se esgotar o combustível nuclear, elas sofrem colapso gravitacional, reduzindo seu diâmetro a poucos quilômetros e atingindo densidades em torno a 10 elevada a 14ª potência de g/cm³, ou seja, cem trilhões de vezes maior do que a da água destilada. Seu núcleo é composto principalmente de nêutrons, partículas que normalmente fazem parte do núcleo atômico. A força de gravidade na superfície de uma estrela de nêutrons é tão intensa que um ser humano seria literalmente esmagado. Nenhum ser vivo poderia portanto sobreviver a semelhante condição.

Estrelas suficientemente maciças, de massa várias vezes maior que a do Sol, podem ter um destino ainda mais extraordinário que as estrelas de nêutrons. Ao sofrerem colapso gravitacional, devido ao esgotamento do combustível nuclear, a pressão atinge patamares inimagináveis, determinando reversão no sentido do movimento da matéria. Há então brusca expansão, à semelhança de uma enorme explosão. Grande quantidade de energia é produzida. Elas se tornam extraordinariamente luminosas e são conhecidas pela curiosa denominação de *supernovas*. Por ocasião da explosão, uma parte da matéria que as constitui é lançada no espaço e a porção remanescente, que ainda é considerável, passa a se contrair incessantemente, atingindo uma densidade superior à das estrelas de nêutrons. A gravidade em sua superfície é de tal ordem que dela nem mesmo a luz é capaz de escapar. Esses objetos são conhecidos como *buracos negros*, por que são invisíveis à observação ótica. Os astrônomos suspeitam que a maioria das galáxias contém em seu centro um tal objeto. A Física moderna define um buraco negro como “uma região do espaço-tempo intensamente curva que consiste numa singularidade cercada por um horizonte de eventos”.

Anãs brancas, estrelas de nêutrons e buracos negros são fortes candidatos a mundos transitórios.

Os Espíritos desencarnados são destituídos de corpo material e por isso não sofrem ação da gravidade e nem são susceptíveis à pressão atmosférica ou a quaisquer outros fatores de ordem física.

A título de esclarecimento e para que não restem dúvidas na mente do leitor, a condição de erraticidade é o estado em que se encontram os Espíritos desencarnados, nos intervalos entre as existências corporais. Significa isto que os Espíritos errantes ainda não atingiram uma posição evolutiva que lhes permita dispensar o processo encarnatório.

Deus, em Sua infinita sabedoria, planejou o Universo e instituiu leis, de forma que nada seja ou se torne inútil. As coisas e os seres transformam-se continuamente, seguindo o seu destino. Porém, não há nenhum momento ou estágio nesse processo de transformação que não tenha o seu nicho ou sua função. Tudo contribui de alguma maneira para o concerto universal.

Personalidades Múltiplas

Com a identificação do subconsciente nas décadas de 1880-90, o Professor Pierre Janet concebeu que os fenômenos mediúnicos de natureza intelectual poderiam ser explicados como resultado de patologias que se apresentavam como personalidades múltiplas ou parasitárias. Essas personificações teriam origem em diversas ocorrências durante a existência do ser, particularmente no período infantil, quando o mesmo, acalentando sonhos e ambições comportamentais, não conseguindo torná-los realidade na idade adulta, as arquivava no subconsciente, aí ficando até o momento em que se faziam exteriorizar, dando a impressão de tratar-se de manifestações das almas dos defuntos.

De certo modo, também seriam, segundo o eminente mestre, resultado de estados histeropatas – considerando-se que estava na moda atirar-se no poço da histeria tudo quanto fosse ignorado na área das desconhecidas psicopatologias – e que podiam ser evocados, mesmo que inconscientemente, quando então assumiam predominância na consciência atual.

A tese arrojada seria resultado das incursões realizadas pelo Dr. Jean Martin Charcot nos pacientes psicopatas do Hospital de la Bicêtre, em Paris, quando foram estudados, particularmente mulheres, mediante a técnica da hipnose, facultando-lhes as irrupções dos desarranjos emocionais que se convertiam em catarse liberativa dos conflitos e traumas de que eram portadores.

Sem qualquer dúvida, muitos anelos não realizados se arquivam nos refolhos da alma, nas camadas do subconsciente como do inconsciente que, de alguma forma, podem interferir na conduta dos seres em diferentes períodos da sua existência corporal.

Os traumas decorrentes da não concretização desses desejos trabalham em favor de conflitos que os desestabilizam emocionalmente, assomando, vês que outra, e predominando no eu consciente em doentio mecanismo de exteriorização.

A questão possui fundamentos lógicos, sem dúvida, mas não engloba todos os fatores que se encontram na sua psicopatogênese.

Existem outros componentes para a compreensão das personificações parasitárias ou múltiplas, que não foram levados em conta, quais as interferências dos Espíritos desencarnados através de processos mediúnicos, alguns deles vigorosos, que produzem estados obsessivos, enfermidade essa que está a exigir das Ciências psíquicas maior investimento de perquirição, análise e estudo tão profundo quanto cuidadoso.

Na sua condição de ser eterno, o Espírito experimenta inumeráveis oportunidades para desenvolver a sua capacidade iluminativa, portador que é de valiosos tesouros que lhe são oferecidos pela Divindade. E como nem sempre sabe conduzir-se, aplica-os egoisticamente, atabalhoada ou insensatamente, gerando dificuldades para si mesmo no carreiro das múltiplas reencarnações que tem pela frente.

Inexperiente, a princípio, compromete-se, e retorna para reparar, reaprender, adquirindo o discernimento que lhe será o condutor do livre-arbítrio, moderador das atitudes, nem sempre auscultado, dando surgimento a lutas desastrosas e à conquista de recursos que somente o perturbam, quando não dão origem a animosidades graves, a ódios que se arrastam pelos séculos, a

emaranhados de sofrimentos que deve enfrentar ao largo do processo de crescimento interior.

Muitos desses inditosos campeonatos de insensatez dão margem a ressentimentos e rancores naqueles que lhes sofreram a constrição vergonhosa, a traição descabida, as manobras desonestas, e que, não desculpando, se resolvem pela condição de cobradores dos danos sofridos, vinculando-se-lhes mediante as ondas de ódio que os atraindo e os imantam em sofrido processo psicopatológico desconcertante.

Por isso mesmo, as obsessões, ou constrições físicas e psíquicas dos Espíritos sobre os indivíduos humanos, grassam volumosas, aumentando, cada dia, como recurso de depuração moral para os que dilapidam as Leis em benefício próprio.

Naturalmente, a Divindade não necessita que vítima alguma se converta em cobrador de dívidas, em algoz do seu próximo, mesmo que dele haja sofrido abusos numerosos, porquanto dispõe de mecanismos próprios para cada atentado, insculpidos na consciência de todas as criaturas. No entanto, o estado primário da vítima, igualmente sintonizado com aquele que a feriu e magoou, estabelece uma identificação psíquica e vibratória que propicia a interferência nos **campos de força** mental, dando surgimento aos mecanismos parasitários das dolorosas perseguições espirituais.

Esse capítulo é dos mais dolorosos que existem no intercâmbio entre os Espíritos, porque, à medida que o antigo algoz expunge, mesmo sem o saber, aquele que lhe foi vítima se transfere para o nefando lugar de quem o combate. Ao fazer-se juiz e cobrador, transforma-se em sicário e injusto aplicador da pena.

Somente a Consciência Cósmica, porque justa e sábia, dispõe dos meios hábeis para reequilibrar os relacionamentos doentios, anular as irregularidades praticadas, substituir os danos proporcionados por bens produzidos em etapa nova.

Conhecendo em profundidade o passado de ambos os litigantes – vítima e verdugo – avalia com justeza e sabedoria os fatores que geraram os males, as circunstâncias em que tiveram lugar, os comprometimentos danosos, recorrendo aos instrumentos de depuração através do amor, da benevolência, da caridade, do perdão para refazer o caminho da fraternidade e a todos tornar amigos, auxiliando-os a compreender que os erros, os equívocos são experiências inevitáveis da injunção evolutiva.

Isto posto, muitas das personalidades múltiplas que se apresentam nas psicopatologias são presenças espirituais que estão interferindo na conduta dos seres humanos, necessitando de conveniente terapia capaz de despertar-lhes a consciência, demonstrando-lhes o lamentável campo em que laboram com incalculáveis prejuízos para elas mesmas.

Não é fácil o tentame, como não é fácil nada de nobre e de dignificante que se pretende realizar. Tudo na vida são desafios de alto porte, que exige investimento de responsabilidade e de trabalho, a fim de colimar resultados positivos. Porém, a paciência revestida de compaixão pelo perseguidor e a orientação dignificadora ao perseguido com outros contributos consegue alterar a paisagem vigente e, às vezes, libertar um do outro, os combatentes da alucinação odienta.

No próprio indivíduo estão os receptáculos nos quais se acoplam aqueles que se sentem por eles defraudados e se resolvem por tomar providências recuperadoras. Por isso, enquanto não ocorra uma real mudança de intenções do paciente, uma alteração vibratória de atividade mental e moral, hei-lo predisposto

à interferência negativa, à presença da **personalidade intrusa**, que age por seu intermédio, tomando-lhe o controle físico e mental de acordo com a profundidade e a gravidade do delito que os identifica e enlaça.

Simultaneamente, pode-se encontrar também como fator propiciatório à presença de personificações parasitárias as reminiscências não diluídas no inconsciente, no qual estão registradas as existências pretéritas, particularmente aquelas quando houve predominância de experiências fortes, que continuam ressumando desses profundos alicerces e depósitos, assumindo controle sobre o eu atual.

São, quase sempre, recordações de comportamentos muito severos que se gravaram com vigor nos painéis da alma e automaticamente ressurgem, sobrepondo-se ao estado de lucidez, e passando a dirigir as atitudes presentes.

Imperiosas impressões e vigorosas condutas vividas permanecem ditando sua forma de ser e gerando descontrole no psiquismo, mediante cuja predominância leva o homem e a mulher a conflitos sexuais, emocionais, vivenciais muito afligentes.

A história de cada vida está impressa no próprio ser, que se encontra vinculado a todos os atos e fatos que tiveram predominância nas suas vivências anteriores. O hoje é continuidade do ontem, assim como será prosseguido no amanhã. Afinal, o tempo é imutável na sua relatividade e todos os indivíduos, todas as coisas passam por ele conduzindo a carga das realizações que sejam pertinentes a cada qual.

É muito complexo e delicado o capítulo das personalidades múltiplas ou das personificações parasitárias em razão da indestrutibilidade da vida, da imortalidade da alma e do intercâmbio que existe entre todos os seres vivos, em particular entre os Espíritos, que são todas as criaturas, mesmo tendo-se em vista as diferenças dos níveis evolutivos em que estagiam.

Jesus, o Psicoterapeuta por excelência, advertiu com sabedoria e solicitude:

- **Não faças a outrem o que não desejares que ele te faça**, demonstrando que de acordo com a sementeira assim será a colheita.

A saúde integral, portanto, será sempre o resultado de uma consciência sem culpa, de um coração dulcificado e de uma conduta equilibrada.

JOANNA DE ÂNGELIS

(Página psicografada pelo médium Divaldo P. Franco, em sessão do dia 16 de julho de 1997, em San Juan, Porto Rico).

Aflições: Impulsos Evolutivos

MERCI SPADA BORGES

“O Processo de evolução constitui para o Espírito um grande desafio.”¹

Assim como o alpinista que para atingir o pico da montanha tem que enfrentar as dificuldades, as barreiras e os perigos que se lhe impõem desde a base até o cume, a alma, também, para atingir a angelitude tem que vencer todos os empecilhos da escalada até alcançar o cimo da evolução.

Existem situações que se apresentam como verdadeiros desafios, todavia, quando superados, proporcionam crescimento e sabedoria.

Nos dias atuais, em que imperam a insegurança, o medo, a violência, observa-se que a dor tem sido mais freqüente que em outros tempos, ora porque os meios de comunicação veiculam as notícias com rapidez, ora porque realmente o Homem vivencia um período de rebeldia, não só às leis humanas, mas principalmente em relação às divinas leis. As conseqüências dessa transgressão é assistida e sentida por todos. As Casas Espíritas, no seu papel primordial de divulgar e também de proporcionar a consolação aos sofridos, têm acolhido muitos irmãos mergulhados em terríveis aflições, outros em desequilíbrios inimagináveis. Uma grande parte desses irmãos acreditam que o Espiritismo irá libertá-los, de imediato, de todos os problemas.

Não é bem assim. A Doutrina Espírita não afasta dores, nem dificuldades que atingem as criaturas, pois do contrário os espíritas seriam privilegiados. Todavia, a doutrina da Reencarnação, em sua justiça plena, mostra como administrar os problemas:

- Infunde ânimo ao enfraquecido;
- ensina ao espírita como enfrentar todos os reveses com força, coragem, resignação e sobretudo fé;
- esclarece ao indivíduo que as dores, enfermidades, aflições foram geradas pelos próprios atos, nesta ou em vidas passadas, e têm por finalidade auxiliar o aprimoramento do Espírito;
- demonstra que a dor é temporária e após vencida o ser ressurgirá mais experiente, mais bem preparado para prosseguir sem desfalecimento;
- revela que a vida não termina no túmulo, ela prossegue em outra dimensão tão real quanto esta;
- desvenda o poder do pensamento e da vontade e a ação curadora dos fluidos sobre o corpo e o Espírito;
- explica que somente a transformação moral impulsiona o Homem para a felicidade dentro da mais perfeita justiça;
- proclama: “*Fora da Caridade não há salvação*”, lema que desfaz todas as diferenças sociais, aproximando os indivíduos como verdadeiros irmãos;
- conclui de forma lógica e racional que Deus não pune suas criaturas. Jamais! E o Amor é a metodologia divina;

Deus, em sua misericórdia infinita, deu ao homem a Terra por moradia, ornamentada de belezas naturais; ofereceu-lhe todos os recursos e elementos para a própria subsistência e progresso:

- concedeu-lhe o livre-arbítrio para assegurar-lhe o mérito da própria evolução;
- estabeleceu leis para preservar os direitos e deveres, uns dos outros, e a manutenção da paz, da concórdia, da fraternidade e respeito mútuos;

- enviou Jesus como *guia e modelo* 2 para ensinar as regras do verdadeiro Amor entre os homens, esclarecendo as Verdades Eternas e a Soberana Justiça.

A vida apresenta um encadeamento de desafios necessários; a cada etapa vencida novos desafios se apresentam a impulsionar o Espírito para o progresso. Mesmo assim, quantos se transviam!

Aquele que se compraz na caminhada pelos atalhos do mal, a própria Lei se incumbirá de trazê-lo de retorno às vias do Bem.

Aquele que acumulou dívidas geradas pela riqueza mal utilizada, pelo orgulho, vaidade, ostentação, requer uma nova existência de provações que lhe propicie cultivar a humildade e abater o orgulho; sobrevêm então os desastres econômicos, a perda inexplicável dos bens materiais; o nascimento em locais de extrema pobreza ou que lhe dificulte o acesso a uma vida de esbanjamentos ou futilidades.

Os que destruíram a natureza que prejudicaram os seres menores da Criação solicitam encarnações onde terão oportunidade de corrigir os erros praticados e reconstruir o que destruíram em vidas pregressas; habitam, então, sem possibilidades de mudanças, regiões onde são comuns as enchentes, as erupções vulcânicas, os tremores de terra, os furacões e tantas outras catástrofes da Natureza. É o papel da Lei reunindo todos aqueles que contraíram dívidas para o resgate coletivo e o trabalho redentor.

Aos que abusaram da saúde através de excessos alimentares, tabagismo, alcoolismo, drogas, e tantos outros vícios perniciosos, sobrevêm as doenças digestivas, circulatórias, respiratórias, genésicas como forma de valorizar o corpo que se deve harmonizar com a Natureza.

Quantos desrespeitaram os pais abandonando-os na velhice, ou na doença, e acordam na vida sob injunções dolorosas de miséria, orfandade e desprezo.

Se criminosos de guerra, assassinos ou suicidas, a prisão em corpos deformados, a idiotia, as mutilações congênitas ou adquiridas representam soluções abençoadas para devolver ao Espírito a paz de consciência.

Para cada dívida, a solução apropriada.

Por isso a Terra abriga tantas aflições, pois seus habitantes são almas que contraíram muitas dívidas contra as leis divinas. Todavia, o Amor do Pai é tão grande que junto à dor colocou o bálsamo que consola: a mãe amorosa que educa; a mão amiga que auxilia; a Ciência que pesquisa o remédio que cura; a fé que sustenta; a oração que ilumina; o Guardião que ampara; a Reencarnação que redime.

Concede oportunidade a todos de ressarcir os débitos no trabalho do Bem, quando então o Espírito acumulará valores que o auxiliarão na escalada da redenção.

Se a vida se limitasse a uma única existência, como apregoam outras doutrinas religiosas, as múltiplas aflições que atingem a Humanidade representariam grande injustiça e a Terra abrigaria seres privilegiados com o fortuna, a beleza, o poder, a fama, a saúde, a inteligência e uma grande parte de seres condenados às misérias sociais de toda ordem.

Jesus, o Mestre por excelência, o pastor de almas, veio à Terra para fazer luz sobre as verdades eternas e a Soberana Justiça, reconduzindo as ovelhas desgarradas ao aprisco através das reencarnações.

Os ensinamentos do Mestre, de aparência simples, encerram profunda sabedoria. Suas parábolas se enquadram em cada situação da vida em todos os tempos; o capítulo das aflições compõe um dos mais belos poemas do Sermão do Monte: "(...) Bem-aventurados os que choram porque serão consolados. Bem-aventurados os mansos porque eles herdarão a Terra. Bem-aventurados os que

sofrem perseguição por causa da justiça, porque deles é o reino dos céus (...). (Mateus, 5: 4-5 e 10)

Em outros tantos momentos de suas exortações Ele exalta através de parábolas o valor que representa o reerguimento do Espírito:

“Que homem dentre vós, tendo cem ovelhas, e perdendo uma delas, não deixa no deserto as noventa e nove e não vai após a perdida até que venha a achá-la?

E achando-a, a põe sobre seus ombros, gostoso;

E, chegando a casa convoca os amigos e vizinhos, dizendo-lhes: alegrai-vos comigo porque já achei a minha ovelha perdida.

Digo-vos que assim haverá alegria no céu por um pecador que se arrepende, mais do que por noventa e nove justos que não necessitam de arrependimento (...). (Lucas, 15: 4-7).

Somente a Reencarnação proporciona oportunidade redentora para reparar os prejuízos causados a si mesmo e a outrem, recuperando-se perante a própria consciência a fim de se harmonizar com as leis da vida e participar do concerto harmonioso da Criação.

Com a multiplicidade de existências todos os problemas e desigualdades se explicam de forma justa.

Um número maior de encarnações, o esforço de cada um com certeza impulsionarão o discípulo para degraus acima daqueles que passaram por números menores de existências ou que preferem estacionar na acomodação.

Assim, o número de reencarnações varia de indivíduo para indivíduo e de acordo com a rapidez ou lentidão com que caminha o Espírito. “Todavia, as encarnações sucessivas são sempre muito numerosas, porquanto o progresso é quase infinito.”³

Pode, a reencarnação, ocorrer não somente na Terra, mas também em outros planetas mais ou menos adiantados de acordo com a necessidade de cada um; geralmente entre aqueles que pertencem à mesma família espiritual ou entre os que se comprometeram nos mesmos débitos.

O tempo de retorno à Terra após a desencarnação, é variável, chegando até a séculos, sempre de acordo com os compromissos evolutivos do Espírito.

A reencarnação se efetua sempre com uma finalidade útil; portanto, utilizá-la bem ou mal é de inteira responsabilidade do Espírito que, de acordo com seu livre-arbítrio, irá traçar um futuro de trabalho ou de aflições redentoras.

Somente a reencarnação proporciona oportunidade de reabilitação, pois ao expiar as infrações cometidas, contra as Leis da Harmonia Universal o Espírito se liberta da culpa e se prepara para um futuro proveitoso de crescimento e paz.

Acessível a todos, o Evangelho – “mais perfeito código de ética moral” – apresenta-se redivivo no Espiritismo que, com seus três aspectos inseparáveis – Filosofia, Ciência e Religião – preenche todas as necessidades da alma imortal, esclarecendo, iluminando e consolando.

1. FRANCO, Divaldo P. *Jesus e Atualidade*, pelo Espírito Joanna de Ângelis.

2. KARDEC, Allan. *O Livros dos Espíritos*, 79. ed. FEB, questão 625.

3. Idem, *ibidem*. Questão 169.

Doutrina e Crençices

WASHINGTON BORGES DE SOUZA

Doutrina é o conjunto de princípios em que se baseia uma crença religiosa, ou sistema filosófico, ou político. Em sentido restrito pode significar uma disciplina, ciência, regra, opinião, etc.

Abordando-se apenas os aspectos religiosos da vivência e ação das pessoas, constata-se que existem procedimentos relacionando, ao mesmo tempo, diversas doutrinas. A Doutrina Espírita talvez seja a mais envolvida por esses desvios. Isso se deve à ignorância em sentido amplo e, particularmente, ao desconhecimento dos postulados dessa Doutrina. Deve ser lembrado, contudo, que parte desses estorvos poderia ser evitada não fora a atuação de alguns participantes do próprio Movimento Espírita, que adotam atitude de intolerância, intransigência, incompreensão e até de animosidade em vez do esclarecimento. Nota-se, também, algumas vezes, o corrosivo do orgulho e da vaidade a levar outros desatentos a dissensões e desejos de inovações descabidas a macular a pureza e sublimidade da Doutrina Consoladora.

Há templos religiosos que permanecem sem alteração no número de seus freqüentadores enquanto que outros estão se esvaziando visivelmente. Alguns aumentam de maneira exagerada sua freqüência. Isso demonstra desorientação nos meios religiosos. Certos ambientes, nos quais há manifestações espirituais ostensivas, apresentam grande afluência, enquanto que em alguns grupos dedicados ao estudo da Doutrina dos Espíritos e à prática da caridade o rol de participantes não se reduz mas permanece sem expansão acentuada.

O fenômeno mediúnic, em alguns locais e ocasiões, prepondera sobre o estudo doutrinário em detrimento do progresso moral, individual e coletivo. Lamentar apenas essa tendência ocasional e deplorável não adianta nem constrói. A tarefa de esclarecimento em nenhuma hipótese deve ser interrompida ou arrefecida. Cada vez mais se impõe o dever fraterno e sagrado de instruir e amar como ensina e age o Cristo de Deus através dos milênios. Não importam o buliço das multidões e a incompreensão temporária. A edificação espírita está fincada sobre rocha para a eternidade.

Ouve-se, às vezes, até de pessoas supostamente instruídas, a expressão “baixo Espiritismo” com a intenção de relacioná-la à Doutrina instituída em luz como se o Espiritismo fosse ora mais ora menos alto. O alcance intelectual é que pode ir mais ou menos longe. A Doutrina dos Espíritos é como o Sol que não se nega a clarear os montes e o charco. Mostra a todos as verdades eternas da existência de Deus e da alma, as vidas sucessivas do Espírito e sua imortalidade, e tantas outras.

Dado o seu caráter divino, o Espiritismo suporta mas não comporta o obscurantismo, a ignorância, o erro, as atitudes intransigentes e mesquinhas. De conformidade com as lições de Jesus, os sábios não necessitam de médico. Incumbe aos espíritas conscienciosos a observância da tolerância sem transigência com o erro.

Aproximadamente há dois mil anos, o Divino Mestre prevenira que as religiões voltar-se-iam umas contra outras, se hostilizariam como ora ocorre em regiões do Orbe. Em nome da fé que dizem professar, o fanatismo de alguns religiosos leva-os aos extremos de matarem-se uns aos outros. De outras vezes, profítes investem contra crenças qualificando seus seguidores de adeptos do “demônio”, de “satanás”, como dizem.

Apesar das lições dos Espíritos, alguns seguidores da sua Doutrina, também, incorrem em erros ao defrontarem com certas credices e hábitos sem fundamento na Nova Revelação. Em lugar de levarem a candeia do esclarecimento como recomenda Jesus, ou quando não for possível acendê-la, adotarem o silêncio, preferem as imprecações, as ofensas, a incompreensão. Na ânsia, talvez, de iluminar, insultam a consciência carente de luz.

Do mesmo modo que o progresso aclara os fatos considerados milagrosos, explicitando-os à luz da Ciência, do Espiritismo, também as credices serão desfeitas com o esclarecimento das consciências. Jamais devemos olvidar que a Doutrina Espírita nunca será atingida pelas arremetidas de seus opositores ou mesmo de alguns de seus partidários desavisados. Dia virá em que uns e outros serão convenientemente esclarecidos.

As credices, distanciadas da realidade, têm origem no passado obscurecido. Sem fincas na razão, algumas perduram devido à necessidade imanente na criatura humana de crer em alguma coisa, daí serem mais ou menos absurdas, dependendo das fontes primitivas. São vulgarmente sustentadas pela tradição. Quando nascem de lendas ou narrativas que se aproximam da realidade deixam de constituir credices, desaparecendo, conseqüentemente, os atos e as práticas em torno e em razão delas.

Credices e rituais são para as religiões o mesmo que as manias e cismas significam para a vida: existem mas sem qualquer justificativa. O próprio misticismo não encontra nenhum arrimo na apreciação criteriosa e correta. A existência do Espírito e suas manifestações constituem fatos naturais inconcussos que prescindem de cerimônias com referência a eles e em torno deles. Ademais, tudo que se afasta da simplicidade fica reduzido de autenticidade.

As formalidades e posturas extravagantes e excêntricas relacionadas com superstições e exorcismos diversos são exemplos de fanatismos escravizadores e irracionais. São gestos e atitudes que sempre existiram, anteriores, portanto, ao Espiritismo Codificado, o que comprova não lhe caber qualquer responsabilidade por essas práticas. Antes, pelo contrário, ele as evita e as faz cessarem com o conhecimento, por meio do esclarecimento que proporciona. Nesses casos aplicam-se com exatidão as palavras de Jesus: “Conhecereis a verdade e ela vos libertará”.

O desconhecimento das leis trazidas a lume pelos Espíritos é o principal responsável por rituais muitas vezes inconvenientes e até nocivos, dado o desperdício de tempo e de recursos que causam e que poderiam ser aplicados em benefício da educação e da caridade.

Assim, os que praticam exorcismos e os atribuem ao Espiritismo incorrem em erro grosseiro.

As credices, pois, como fantasias devem ser alijadas do comportamento humano com o uso da razão, do bem senso e da inteligência iluminada.

É, também, muito freqüente confundir o culto do Candomblé, da Umbanda, etc. com o Espírita. Relewa lembrar que os termos “Espiritismo”, “Espírita”, “Espiritista” e outros constituem neologismos criados com o advento da Doutrina codificada a partir de 18-4-1857, data da publicação de “O Livro dos Espíritos”. É, portanto, necessário distinguir o adepto dessa Doutrina, ou seja, o “espírita” do “médium”. Este pode estar vinculado a qualquer religião ou não estar a nenhuma delas, já que o fenômeno mediúnicos é próprio da natureza e da condição humanas, enquanto que aquele, ou seja, o “Espírita” somente ao Espiritismo está relacionado.

Ademais, o Candomblé já era crença existente antes do descobrimento do

Brasil e a Umbanda resultou do sincretismo religioso dos cultos africanos com o Catolicismo a partir de cerca de 50 anos após o aludido evento.

Espírita é, pois, o adepto, o seguidor dos postulados do Espiritismo. Contudo, nesse entendimento não há nem pode haver nenhuma intenção de melindrar essas ou quaisquer outras crenças ou religiões, mas, apenas a constatação e exposição da realidade.

Ao Espiritismo é reservada missão eminentemente esclarecedora. Por isso jamais se distancia da verdade e é a via natural do progresso geral e da evolução de cada criatura. Tendo suas bases na natureza e nas suas leis sua estrutura é inabalável. Prima pela simplicidade, clareza e precisão de seus princípios e fundamento obedientes à Divina Providência reinante perenemente acima de todos e sobre tudo o que existe em toda parte.

Amor

O amor, meus filhos, é o poder supremo
que tudo move e a tudo vivifica;
é a luz sublime que sustenta os mundos
e que nos ilumina os corações.

Amemos esse Amor que tudo pode,
que é força majestosa, alta e fecunda,
que equilibra tensões, governa a vida,
que junta grãos para formar areias,
que junta areias para fazer praias,
que salpica de estrelas céus profundos,
que acende Sóis de luz na Imensidade,
que impele os mundos pelo espaço adentro,
que abre flores gentis pelas campinas,
que acalenta na terra humildes vermes,
que adoça os prantos, ressuscita os sonhos,
devolve a paz aos corações aflitos,
renova o tempo em toda a eternidade,
dá, cede, empresta, entende, age, perdoa,
abraça, atende, silencia, ajuda...

Amor Divino que triunfa sempre,
que soergue doentes e caídos,
que regenera, dulcifica e cura,
que canta, chora, espera, crê, trabalha...

Amemos esse Amor – clarão divino
em cuja claridade excelsa e pura
veremos, ouviremos, sentiremos
o Espírito de Deus!

JOÃO DA CRUZ

(Do livro "Correio Fraternal", de Diversos Espíritos, psicografado por Hernani T. Sant'Anna, 1ª ed. FEB, 1990, p. 44-45)

Apologia da Dor

MAURO PAIVA FONSECA

Não seria possível definir a dor, sintetizando-a num conceito único e geral. A abrangência de suas variações leva-nos a meditar na profundidade e diversidade dos caracteres que deverão defini-la para cada caso em particular.

Se é verdade que existe a dor dos pecadores, não é menos verdade que existe a dos justos; existe a dor-resgate, e a dor altruísmo, renúncia e amor. Porém, ela sempre traz consigo uma razão lógica e útil.

Do bruto ao santo, seus aspectos variam de maneiras diametralmente opostas. Para o inferior, ela se encontra mais materializada, mais física; mas para o santo, ela não tem o mesmo sentido, não o agride da mesma maneira, simplesmente porque não encontra nele a mesma resistência. Certamente quando Jesus subiu ao Gólgota, a dor física da crucificação não era, por certo, a que o fazia sofrer mais, mas a incompreensão dos homens ante a mensagem libertadora do seu Evangelho.

Enquanto o ignorante e o bruto encontram no sofrimento motivo de revolta, de inconformação e de vingança, o intelectualizado e moralmente evoluído compreende-a como processo de elevação, e a recebe com resignação e paciência.

Para a Humanidade que a Terra abriga, a dor é a grande propulsora do progresso, a mais importante causa de ascensão moral e intelectual dos Espíritos que a habitam.

Tudo que vive está sujeito ao sofrimento; sem que nos demos conta, dramas, tragédias, domínios, prepotência e escravizações se desenrolam nos reinos da vida, fomentando a evolução. A estagnação, pressionada pelo sofrimento, movimenta-se, adianta-se, num suceder contínuo de aprendizagem. Tanto no plano físico quanto no além-túmulo, a dor imperiosa comanda, com sua força irresistível, a evolução da vida, o progresso da criação no nosso orbe.

A dor-resgate é o recurso empregado pelo automatismo da Lei de Justiça Divina, para restabelecer o equilíbrio evolutivo no nosso caminho rumo à perfeição toda vez que dele nos desviamos, desprezando os argumentos da lógica, do bom senso e da razão.

O bem é o determinismo divino. Fomos criados pelo bem e para o bem; por isso, a dor visa a corrigir o mal que engendramos, atuando de modo a restabelecer o bem, temporariamente afastado. Todo mal praticado resultará num mal a ser sofrido mais adiante. Os matizes, os detalhes, o rigor desses sofrimentos estarão sempre em consonância com a maior ou menor gravidade das violações a que nos deixamos arrastar. Neste princípio, ressalta ao raciocínio a perfeita sabedoria do Criador, determinando que cada qual colha a própria sementeira. Que maneira mais completa e mais justa haveria de avaliarmos com precisão o que fizéssemos sofrer os semelhantes, senão passando por sofrimento idêntico?

Certamente a dor não é o único recurso para a evolução do ser. O enriquecimento do intelecto e a prática da moral, se observados, nos pouparão a muitos dos sofrimentos da existência; entretanto, ela, a dor, é o medicamento eficaz por excelência, quando em nós se instalam a revolta, a rebeldia, a negligência e a indiferença, que são os mais poderosos obstáculos à libertação da alma.

A dor do justo, a dor do santo, embora fontes de grande elevação espiritual, nada têm de punitivas.

Que de profundo e verdadeiro há no sofrimento de uma mãe, que vê seu filho querido dominado pelas garras poderosas e implacáveis da viciação? Em que extremos de angústia se consome um coração de esposa, cujo marido se deixou transviar, rendendo-se às malhas traiçoeiras da luxúria, em ligações extraconjugais pecaminosas? Que terríveis amarguras suportam os grandes idealistas da ciência, da religião, os grandes gênios, os mártires da sabedoria, como Sócrates, ante a incompreensão de seus contemporâneos? Que dizer dos precursores das liberdades dos povos, verdadeiros pólos irradiantes de luzes libertadoras, como nosso Tiradentes, sorrateiramente traídos tantas vezes, pelos próprios correligionários?

Este, é o sofrer que eleva sem deixar mácula, que engrandece sem criar comprometimentos com o futuro, porque é fruto da resignação, da paciência, da compreensão, da tolerância e do perdão! Os homens de elevada moral sofrem; sofrem porque partilham a dor daqueles que ainda se demoram na retaguarda das lutas purificadoras. Os virtuosos são possuidores de grande sensibilidade, que ainda mais lhes aguça os travos da dor, porque não conseguem manter-se indiferentes diante da dor alheia.

Tudo isso nos facilita entender por que reencarnamos num planeta de expiação e provas, pois quanto mais sofre o ser, mais se eleva sua alma!

Esflorando o Evangelho - Emmanuel

Pensa um Pouco

“As obras que eu faço em nome de meu Pai, essas testificam de mim” – **Jesus**. (João 10:25)

É vulgar a preocupação do homem comum, relativamente às tradições familiares e aos institutos terrestres a que se prende, nominalmente, exaltando-se nos títulos convencionais que lhe identificam a personalidade.

Entretanto, na vida verdadeira, criatura alguma é conhecida por semelhantes processos. Cada Espírito traz consigo a história viva dos próprios feitos e somente as obras efetuadas dão a conhecer o valor ou o demérito de cada um.

Com o enunciado, não desejamos afirmar que a palavra esteja desprovida de suas vantagens indiscutíveis; todavia, é necessário compreender-se que o verbo é também profundo potencial recebido da infinita Bondade, como recurso divino, tornando-se indispensável saber o que estamos realizando com esse dom do Senhor Eterno.

A afirmativa de Jesus, nesse particular, reveste-se de imperecível beleza.

Que diríamos de um Salvador que estatuísse regras para a Humanidade, sem partilhar-lhe as dificuldades e impedimentos?

O Cristo iniciou a missão divina entre homens do campo, viveu entre doutores irritados e pecadores rebeldes, uniu-se a doentes e aflitos, comeu o duro pão dos pescadores humildes e terminou a tarefa santa entre dois ladrões.

Que mais desejas? Se aguardas vida fácil e situações de evidência no mundo, lembra-te do Mestre e pensa um pouco.

(Do livro “Pão Nosso”, psicografado pelo médium Francisco Cândido Xavier, capítulo 2, p.15 e 16, 17 ed. FEB).

Um Amor Diferente

CARLOS AUGUSTO ABRANCHES

Este trabalho pretende fazer alguns comentários sobre o amor. Que o tema é muito estudado, pensado e discutido, não há dúvida. Mas queremos, através da apresentação de dois poemas singulares, escritos por duas grandes poetisas, mergulhar um pouco na compreensão deste sentimento. As autoras são Elizabeth Barrett Browning e Cecília Meireles.

A inglesa Elizabeth B. Browning nasceu em Durham, em 1806, e desencarnou em 1861. Com apenas 15 anos, sofreu uma queda e acabou lesando a espinha, não conseguindo mais locomover-se. Aprendeu a falar diversas línguas, entre elas o grego e o latim. Passava a maior parte do tempo em uma sala escura, onde escrevia cartas e poemas.

Elizabeth conheceu o escritor Robert Browning após publicar o livro Poemas, em 1844, quando estava com 38 anos. O escritor lhe escreveu, pedindo para conhecê-la. Dois anos depois, apaixonados, casaram-se.

Robert (1812-1889) é considerado até hoje um dos maiores poetas da Inglaterra vitoriana. De suas obras, ressuma intenso otimismo e fé no valor da vida humana.

O poema de Elizabeth que sugerimos para leitura foi escrito em forma de soneto, formato poético do qual a autora foi especialista. Dizem os versos:

Ama-me por amor do amor somente.
Não digas: "Amo-a pelo seu olhar,
O seu sorriso, o modo de falar
Honesto e brando. Amo-a porque se sente

Minhalma em comunhão constantemente
Com a sua". Porque pode mudar
Isso tudo, em si mesmo, ao perpassar
Do tempo, ou para ti unicamente

Nem me ames pelo pranto que a bondade
De tuas mãos enxuga, pois se em mim
Secar, por teu conforto, esta vontade

De chorar, teu amor pode ter fim!
Ama-me por amor do amor, e assim
Me hás de querer por toda a eternidade. 1

*

A carioca Cecília Meireles nasceu em 1901 e desencarnou em 1964. Considerada uma das maiores expressões da moderna literatura brasileira, em sua obra destacam-se temas de notável elevação, como a eternidade, o amor, o tempo e a saudade. Sua poesia é considerada intimista e pessoal, com características universais e intemporais.

Pelas mãos poéticas de Cecília, inúmeros poemas sobre o amor foram escritos, embelezando a língua portuguesa, revestindo-a do que há de mais nobre e sensível no que toca à expressão de sentimentos superiores.

Diz a escritora, em uma dessas poesias:

Não ames como os homens amam.
Não ames com amor.
Ama sem amor.
Ama sem querer.
Ama sem sentir.
Ama como se fosses outro.
Como se fosses amar.
Sem esperar.
Por não esperar.
Tão separado do que ama, em ti,
Que não te inquiete
Se o amor leva à felicidade,
Se leva à morte,
Se leva a algum destino.
Se te leva.
E se vai, ele mesmo... 2

*

O que chama à atenção, de imediato, na leitura destes dois poemas, é a capacidade que as autoras revelaram de traduzir o amor por uma visão diferente, sem compromisso com padrões estabelecidos sobre como se deve amar, ou de que forma o amor atua no íntimo das pessoas.

É possível amar sem amor? Será permitido ao limitado coração humano que ele ame com os sentidos voltados para a eternidade, onde os esforços da alma se encontram com a perfeição?

Diante de duas páginas intrigantes como essas, é preciso repensemos nossa maneira de entender esse sentimento que nos domina a vida.

Nascemos por amor, vivemos por amor, amadurecemos amparados nas possibilidades advindas do amor. Mas será que conseguimos assimilar todo o alcance que essa qualidade do afeto proporciona?

Quantos se perdem, se desequilibram, até matam, acreditando que estão agindo em nome dessa profunda emoção?

Diante de um mundo conturbado pelo imediatismo e o *stress*, pela banalização da violência e o vazio existencial, a vivência do amor tornou-se um jogo previsível, ancorado em clichês comuns a novelas e revistas, a romances superficiais e músicas insinuantes, que mais não fazem do que oferecer às pessoas o *glamour* do prazer pelo prazer, sem o necessário aprofundamento, capaz de conduzir à essência da emoção real.

Quando Elizabeth Browning escreveu *ama-me por amor do amor somente*, possivelmente quis destacar a importância de se viver sem apego algum a esse tipo de amor descartável, sugerido insistentemente pela mídia, insciente de sua penetração no inconsciente coletivo.

Porque o amor banal é ciumento, inseguro, desagregador e possessivo. Mas o amor que liberta é aquele que, conforme está no poema, vai além das próprias revelações do gostar, como o prazer de descobrir o olhar do outro, “o sorriso, o modo de falar, honesto e brando”, ainda que estas sejam expressões saudáveis de afetividade.

Elizabeth quer mostrar que o amor precisa ser maior do que tudo isto, porque um dia essas manifestações podem acabar, até mesmo (e que imagem belíssima) o pranto que a bondade das mãos de quem ama enxuga, porque ele também pode ter fim, e por este motivo, ser a razão do fim do sentimento.

Resta, portanto, como alternativa a quem ama, o próprio amor, único laço que mantém a criatura unida à eternidade. Amor desapegado a concepções amor-energia pura, amor eterno.

*

Cecília Meireles é mais radical em seu escrito. Sugere que o ser ame não como os homens engeguecidos amam, não com esse tipo de amor vendido barato nos capítulos de novela. Pede que se ame sem paixão, que quer prender mais do que libertar, condicionada ao prazer e não à doação incondicional de si mesmo.

Pelo poema dela, é possível compreender que o amor é um sentimento que estará mais próximo de nós, quanto mais vivermos sem esperar colher seus frutos.

O amor profundo não se inquieta em obter respostas, nem se leva à felicidade ou a algum destino. Na verdade, quem ama sabe, intuitivamente, que o amor leva a tudo que é bom e elevado, mas não fica pensando ansiosamente nisso, justamente porque dedica todo seu existir à vivência plena do afeto.

*

A descoberta desse amor imenso, tão diferente do que dizem que ele é, leva, às vezes, a criatura à solidão, porque pode acontecer de os outros não compreenderem a sublimidade desse mergulho nas profundezas da intimidade.

É o que Emmanuel traduz, na página *Solidão* 3. O instrutor pergunta “onde se encontram os que sorriram contigo no parque primaveril da primeira mocidade? Onde pousam os corações que te buscavam o aconchego nas horas de fantasia? Onde se acolhem os que te partilhavam o pão e o sonho, nas aventuras ridentes do início?”

O Benfeitor diz que eles ficaram, por certo, para trás... quem sabe, voejando em círculo mais estreito, apegados a concepções de menor alcance que as tuas.

Diante do choro e do sofrimento, o espírito solitário que descobriu formas mais sutis de assimilar o amor compreende, agora, que não há espécie de renascimento que não seja dolorosa. A ave vence a casca do ovo para libertar-se, e a semente oculta-se na escuridão da terra para expressar sua força inata.

E para quem acaba supondo que tomou a decisão errada, ao investir no auto-aprimoramento e ficou só, Emmanuel afirma: *a solidão com o serviço aos semelhantes gera a grandeza*.

Um exemplo claro disto é o amor de mãe. Irmão X traduziu com perfeição esse sentimento, ao narrar a situação emocional de Maria, mãe de Jesus, diante da crucificação do filho 4.

Quando todos os companheiros, aprendizes, seguidores e beneficiários precisaram dos sentidos físicos para sentir a presença do Divino Amigo, utilizando-se dos olhos mortais, do tato, dos ouvidos, depois da chamada *ressurreição*, houve alguém que dispensou todos os toques e associações mentais, vozes e visões. Esse alguém foi Maria.

Segundo Irmão X, *o filho amado já vivia eternamente, no infinito mundo de seu coração. Seu olhar contemplava-o através das estrelas do céu e encontrava-lhe o hálito perfumado nas flores da Terra. A voz dEle vibrava-lhe na alma e, para compreender-lhe, bastava penetrar o iluminado santuário de si mesma*.

Embora a saudade – conclui o autor espiritual – Maria consagrou-se à fé no reencontro espiritual, no plano divino, sem lágrimas, sem sombras e sem morte!...

*

Talvez estejamos precisando esvaziar a alma de alguns conceitos arcaicos e ultrapassados do que seja o amor. Pelo menos – se este não for o desejo – que repensemos sobre aquilo que ainda nos é motivo de crença, para conferir se nossa compreensão deste sentimento está nos fazendo melhores a cada dia. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. O poema de Elizabeth B. Browning aqui apresentado é uma belíssima tradução de Manuel Bandeira, que também se incumbiu de transcrever para o português outros

sonetos da escritora inglesa. Eles estão inseridos na *Antologia Poética* de M. Bandeira, da José Olympio Editora, do Rio de Janeiro.

2. MEIRELES, Cecília. *Cânticos*. São Paulo: Ed. Moderna, 1982.
3. XAVIER, F. C (Emmanuel). *Fonte Viva*. Rio de Janeiro: FEB, cap. 70,1980.
4. XAVIER, F. C (Irmão X). *Luz no Lar*. Rio de Janeiro: FEB, cap. 7,1991.

A FEB e o Esperanto

Cartas de Zamenhof

AFFONSO SOARES

Dentre a copiosa produção de Lázaro Luís Zamenhof, desde quando ofereceu o Esperanto ao mundo, um elemento, embora mais modesto e desprezencioso na forma, avulta e se ombreia com as traduções, manuais, dicionários, discursos, poemas e teses, seja por se constituir em fonte rica de subsídios para a história do movimento esperantista, seja por retratar a personalidade inegavelmente superior do gênio de Bialistok.

Referimo-nos ao espistolário, carinhosamente conservado por centenas de adeptos e hoje publicado em sua maior parte.

Ali temos Zamenhof por inteiro, evidenciando seu caráter superior impregnado das virtudes da paciência, da tolerância, da indulgência, da fraternidade, da prudência, do bom senso, tanto no trato de assuntos rotineiros e prosaicos, como na condução de delicadas questões, de que um frisante exemplo foram as palavras e os sentimentos com que reagiu a uma grave traição à sua confiança por parte de um adepto infeliz e invigilante que, não obstante, recebeu de Zamenhof os mais fraternos conselhos, o mais sincero perdão.

De tão expressivo repositório escolhemos trechos de duas cartas com particular significado para a história do Esperanto; a dirigida em 1895 ao pioneiro russo, jornalista e professor, Nikolaj Afrikanovic Borovko (1863-1913), e a que enviou, em 1905, ao advogado francês, igualmente pioneiro esperantista, Alfred Michaux (1859-1937), organizador do 1º Congresso Universal de Esperanto naquele mesmo ano.

Ambas nascem do interesse em fixar, para a posteridade, sobre o depoimento do próprio criador do Esperanto, fatos fundamentais ligados aos primórdios da causa. São documentos longos, mas nos limitaremos aos trechos que atendam nosso objetivo de focalizar o interior da invulgar figura de Zamenhof, os nobres impulsos que governaram sua aspirações.

Eis alguns trechos da carta a N. Borovko:

“(...) Você me pergunta como surgiu em mim a idéia da criação de uma língua internacional.

(...) a idéia, a cuja concretização dediquei toda a minha vida, surgiu-me – é ridículo dizê-lo – na mais tenra infância, e de la para cá nunca mais me abandonou; vivi com ela e não posso imaginar-me sem ela.

(...) Nasci em Bialistok, província de Grodno. Essa localidade, onde vim ao mundo e passei a infância, deu direção a todas as minhas aspirações. Em Bialistok, a população é formada por quatro elementos: russos, poloneses, alemães e judeus, os quais falam línguas diferentes e se relacionam de maneira inamistosa. Nessa cidade, mais do que em qualquer outro lugar, uma natureza impressionável sente a esmagadora desgraça da diversidade lingüística, e a cada passo se convence de que nela está a única, senão a principal causa da separação da família humana e de sua divisão em facções inimigas. Educaram-me como um idealista; ensinaram-me que todos os homens são irmãos, mas tanto na rua como nos pátios, a cada passo, tudo me fazia sentir que não existiam seres humanos: só havia russos, poloneses, alemães, judeus, etc. Isso era um enorme

tormento para minha alma infantil, embora muitos venham a rir desse “sofrimento pelo mundo” numa criança.

(...) No ano de 1878 a língua já estava mais ou menos pronta, embora ainda houvesse grande diferença entre a “lingwe universal” de então e atual Esperanto. Comuniquei o fato a meus colegas (então eu cursava a 8ª série do ginásio). A maioria, atraída pela idéia e impressionada pela invulgar facilidade da língua, começou a estudá-la, e em 5 de dezembro de 1878 festejamos solenemente a sua consagração. Houve discursos no novo idioma e cantamos com entusiasmo o hino, cujos versos iniciais eram:

“Malamikete de las nacjes
Kadó, kadó, jam temp’ está!
La tot’ homoze infamilje
Konunigare so debá.” 1

(No atual Esperanto isso significa: “Inimizade entre as nações, caia, caia, já é tempo! A Humanidade inteira deve unir-se em uma família”) 2

(...) Havendo concluído a Universidade, comecei a prática médica já pensando em sair a público com o meu trabalho. Preparei o manuscrito de minha primeira brochura (“Dr. Esperanto. Língua Internacional. Prefácio e manual completo”) e parti em procura de um editor. Foi a primeira vez em que me deparei com o amargo lado prático da vida, a questão financeira, com a qual eu posteriormente deveria, e ainda devo, sustentar renhida luta. Durante dois anos procurei em vão um editor. Quando achei, ele levou metade de um ano preparando a edição da brochura para, no fim, recusá-la. Afinal, depois de prolongados esforços, consegui, eu mesmo, editá-la em julho de 1887. (...) Eu sabia da sorte que aguardava um médico, dependente do público, se esse público enxergasse nele um visionário, uma pessoa que se ocupa com “assuntos marginais”, eu tinha o sentimento de que arriscava toda a minha tranquilidade futura, minha existência e a existência de minha família; mas já não podia abandonar a idéia que havia penetrado meu corpo e meu sangue... e atravessei o Rubicão”. 3

*

A carta a Michaux só ficou conhecida do público em 1945. Grande é a sua importância para que tenhamos a dimensão exata da grandeza de Zamenhof, um judeu dividido entre dois ideais: o do patriota, em busca de um caminho para amenizar os terríveis sofrimentos dos judeus no mundo, e o do homem universal que aspirava à união da Humanidade por meio de um fundamento neutro, por sobre todas as fronteiras materiais e espirituais, como uma grande família.

Venceu nele o ideal universalista, e certamente por ele Zamenhof foi, tem sido e será sempre mais útil à sua raça do que pelos ideais particularistas.

Eis alguns trechos da carta a Michaux:

(...) Direi simplesmente que minha condição de judeu foi o principal motivo pelo qual, desde a mais tenra infância, me dediquei inteiramente a uma idéia principal, a um sonho: - unir a Humanidade.

(...) o Esperanto é apenas parte dessa idéia, e sobre o conjunto não deixo de pensar e sonhar; mais cedo ou mais tarde (talvez muito breve), quando o Esperanto não mais precisar de mim, sairei com um plano para o qual me preparo há muito tempo e sobre o qual talvez lhe escreva mais tarde. Esse plano (a que chamo “Hilelismo”) 4 consiste na criação de uma ponte moral que permita a união fraternal de todos os povos e religiões, sem que se criem novos dogmas e sem a necessidade de que os povos abandonem suas atuais religiões.

(...) Quis apenas dizer-lhe que embora em mim, desde a mais tenra infância, sempre prevalecesse o “homem”, entretanto, em virtude da desgraçada situação de meu povo, despertava no íntimo o “patriota”, em terrível batalha contra o “homem”. Nos últimos

anos, o “homem” e o “patriota” pouco a pouco se reconciliaram sob a forma do “Hilelismo”.

*

Finalizemos, refletindo na amorosa e autorizada palavra do Espírito Emmanuel, um dos integrantes da legião espiritual que serve ao Cristo de Deus na educação das sociedades terrenas para a plena vivência da religião universal do Amor e da Fraternidade, cuja maior expressão e exemplificação está na pura doutrina de Jesus de Nazaré:

“Jesus afirmava não ter vindo ao planeta para destruir a Lei, como o Espiritismo, na sua feição de Consolador, não surgiu para eliminar as religiões existentes. O Mestre vinha cumprir os princípios da Lei, como a doutrina consoladora vem para a restauração da Verdade, reconduzindo a esperança aos corações, nesta hora torva do mundo, em que todos os valores morais do orbe periclitam nos seus fundamentos, assaltados pelas doutrinas da violência que embriagam o cérebro da civilização atual, qual veneno amargo a destruir as energias de um corpo envelhecido.

Também o ESPERANTO, amigos, não vem destruir as línguas utilizadas no mundo para o intercâmbio dos pensamentos. A sua missão é superior, é a da união e da fraternidade rumo à unidade universalista. Seus princípios são os da concórdia e seus apóstolos são igualmente companheiros de quantos se sacrificaram pelo ideal divino da solidariedade humana, nessas ou naquelas circunstâncias.”

*

Efetivamente, o Esperanto não é apenas mais uma língua a competir com as demais na moderna Babel, cuja essência ainda guarda os primitivos traços do símbolo bíblico, não obstante as sofisticadas soluções do pragmatismo terreno, de que a expressão máxima é a fascinante rede mundial de computadores. Também ela, apesar dos enfeites tecnológicos, ainda conserva a primitiva carga de orgulho e ambição, manifestada nos anseios de hegemonia de povos ou grupos de povos.

O Esperanto é mais do que isso, não obstante também representar a solução única para as grandes dificuldades materiais suscitadas pelo problema lingüístico. Ele traz em si valores espirituais sobre os quais se erguem as grandes construções da paz, da fraternidade, da justiça no âmbito internacional. Tais valores ele comunica a seus sinceros adeptos, assim fecundando corações para o exercício da vida universalista, em que as diferenças serão encaradas com amor e deixarão de ser motivo para guerras, discriminações, perseguições, genocídios e toda a sinistra coorte gerada pelo conúbio do orgulho e do egoísmo.

Não foi outro o motivo pelo qual a Casa de Ismael, desde 1909, assumiu o compromisso de divulgar e utilizar o Esperanto no desdobramento de seu programa. ■

1. Forma primitiva do Esperanto.

2. “Malamikeco de la nacioj. Falu, falu, jam tempo estas! La tuta homaro em familion unuigi devas”.

3. Rubicão era o antigo nome do rio Fiumicino que corre no norte da Itália. Na época da República Romana, ele separava a Itália da Gália Cisalpina. Embora fosse proibido atravessá-lo, Júlio César desobedeceu a lei para marchar sobre Roma (49 a.C.), o que gerou uma guerra civil. Ao atravessar o rio, César teria dito a célebre frase “alea jacta

est" (a sorte está lançada). A expressão *atravessar o Rubicão* serve para mostrar uma decisão audaciosa e definitiva.

4. Hilel era um rabino (70 a.C. – 10 d.C.) cujos comentários da Bíblia tinham a mesma doçura e amplitude das doutrinas de Jesus. O hilelismo ainda evidenciava um acentuado desejo de eliminar a discriminação contra os judeus. Zamenhof, após a extraordinária experiência do 1º Congresso Universal de Esperanto (Boulogne-sur-mer, 1905), estende-o, com algumas modificações, à Humanidade inteira, dando-lhe o nome de *Homaranismo* (da palavra *homarano* que em Esperanto significa membro da Humanidade).

Sinopse dos Principais Fatos Referentes às Origens do Espiritismo

- | -

SILVIO SENO CHIBENI

1. Introdução

Neste trabalho procuraremos reunir alguns dados importantes da história do Espiritismo, especialmente os referentes a Allan Kardec e ao Espiritismo nascente. Nossa fonte básica será a obra "Allan Kardec", em três volumes, da autoria de Zêus Wantuil e Francisco Thiesen, dada a público pela Federação Espírita Brasileira em 1979/80. Qualquer estudioso do Espiritismo reconhecerá prontamente que ela representa o mais completo e rigoroso estudo já publicado sobre a vida e a obra de Kardec. Os volumes 2 e 3 contêm ainda análises e comentários de grande justeza e profundidade sobre muitos tópicos referentes à Doutrina e ao movimento Espíritas.

Os três volumes dessa obra apresentam uma massa de informações bastante densa. Dispõem de índices antroponímicos e analíticos, mas não remissivos. Nos dois últimos volumes, os capítulos são de amplas proporções, contendo muitas seções. Os autores optaram, com razões ponderáveis, por não fazer uma apresentação cronológica dos fatos. Tudo isso torna um tanto difícil a localização rápida de determinados assuntos. Por tais motivos, julgamos útil compilar aqui, de forma mais simples e direta, *alguns* dos acontecimentos mais importantes. Fomos motivados por nossa experiência pessoal, de muitas vezes querermos citar datas e lugares precisos e não conseguirmos encontrar de pronto as referências. Também pode ser de alguma utilidade dispor de um painel sucinto dos fatos, que permita sua visualização global.

Naturalmente, sabemos que o que mais importa não são os nomes, as datas e os lugares, mas a sua significação histórica, científica e filosófica. O pesquisador cuidadoso não poderá dispensar a respeitável obra de Thiesen e Wantuil. Também deve-se lembrar que a segunda parte das "Obras Póstumas" de Allan Kardec consiste de textos de enorme relevância para a história do Espiritismo, repletos, como não poderia deixar de ser, de preciosas considerações doutrinárias. O mesmo vale para os volumes da "Revue Spirite" editados por Kardec.

Há algumas outras fontes sobre o Espiritismo e sua história, que podem ser consultadas, embora nem de longe se aproximem, em abrangência e precisão, da que nos legaram Thiesen e Wantuil. Entre elas encontram-se:

- Moreil, André. La Vie et l'Oeuvre d'Allan Kardec. Paris, Vernet, sem data. ¹
- Sausse, Henri. Biographie d'Allan Kardec. 4ª ed., Paris, Éditions Jean Meyer, 1927. A Federação Espírita Brasileira faz figurar uma tradução dessa biografia em sua edição de "O que é o Espiritismo", sem indicação do tradutor. ²

Para facilidade de referência, adotaremos as seguintes abreviaturas:

- AKI, AKII e AKIII – respectivamente volumes I, II e III da obra "Allan Kardec".
- OP – Obras Póstumas.
- Revue – Revue Spirite

- SPES – Société Parisienne des  tudes Spirites
- FEB – Federação Espírita Brasileira

Os números que aparecerão diante desses símbolos referem-se a páginas das obras, salvo indicação em contrário. Utilizamos a 1  edic o de "Allan Kardec" e 18  edic o da tradução febianana de "Obras Póstumas" traduzida por Guillon Ribeiro (o texto em francês, em versão fiel   edic o original de Leymarie, está hoje disponível na Internet, na "página" "do Centre d' tudes Spirites Léon Denis (<http://perso.wanadoo.fr/charles.kempff/>)).

2. Hippolyte-Léon Denizard Rivail

1804 – (3/10) – Nascimento de Hyppolyte-Léon Denizard Rivail, o futuro Allan Kardec, em Lyon, a segunda maior cidade francesa depois de Paris. Seus pais foram Jean-Baptiste Antoine Rivail, homem de leis, e Jeanne Louise Duhamel, residentes   Rue Sale, 76; essa casa foi demolida ainda em meados do século XIX. (AK I 29)

1815 – Rivail segue para o Instituto de Johann Heinrich Pestalozzi para continuar seus estudos. O Instituto ficava na cidade de Yverdon, Su a, e funcionava em regime de internato. Os alunos recebiam ali educação integral esmerada, segundo inovador método pedagógico do famoso professor, baseado na convic o de que o amor é o eterno fundamento da educação. (AK I caps. 2 a 11 e 15)

1822 – Rivail deixa Yverdon e instala-se em Paris. Não há segurança completa sobre essa data. Sabe-se que em janeiro de 1823 já residia   Rue de la Harpe, 117. Confirma-se também que pelo menos de 1828 a 1831 morou na Rue de Vaugirard, 65. (AK I, caps. 12, 21 e p.184)

1824 – Rivail publica o seu primeiro livro didático, o "Cours pratique et théorique d'arithmétique", concebido segundo o método pestalozziano. Foi publicado em Paris na Imprimerie de Pillet Ain , Rue Christine, 5. (AK I caps. 14 e 16)

1825 – Rivail abre sua primeira escola, a  cole de Premier Degr e. (AK zi cap. 18)

1826 – Rivail funda a Institution Rivail, instituto técnico, sito   Rue de S vres, 35; funcionou até 1834. Neste mesmo local existiria depois o Lyc e Polymathique, dirigido também por Rivail, até 1850, quando foi cedido a A. Pilotet. A partir dessa data o Prof. Rivail não mais exerceria atividades didáticas. (AK I cap. 19 e pp. 131, 145 e 146)

1828 – Rivail d a público o "Plan propos  pour l'amélioration de l' ducation publique", sugerindo diretrizes para a educação pública,   venda com o autor e com Dentu (que mais tarde publicaria diversas obras espíritas de Kardec; ver AK I cap. 21 e p. 184).

1831 – Aparece, da autoria de Rivail, a Grammaire Française Classique sur un nouveau plan. (AK I cap. 22)

1832 – Casa-se com Am lie-Grabrielle Boudet (1795-1883), que seria sua dedicada companheira e apoio de todos os momentos, até a sua desencarnação. Conhecida mais tarde entre os espíritas como "Madame Allan Kardec", Am lie-Gabrielle era professora e colaborou com o esposo em suas atividades didáticas. Não tiveram filhos, conforme explicitamente se l  na Revue Spirite de 1862 (AK I cap. 20 III 45)

Rivail e sua esposa foram pessoas dignas, de moralidade inatacável, dedicando-se integralmente aos ideais superiores da cultura, da educação, do bem. Lutaram a favor das causas da liberdade de ensino e da educação para meninas. Rivail ministrou por muitos anos cursos gratuitos para crianças pobres. Além de mestre, foi sempre amigo dos alunos. (AK I cap. 23 a 29)

Do ponto de vista material, o casal Rivail levou vida simples, não raro enfrentando dificuldades econômicas. Na fase espírita, seus poucos recursos seriam empregados na publicação das obras iniciais e em outras despesas referentes ao Espiritismo. Nos anos de maiores limitações, Rivail complementou sua receita com empregos temporários modestos, como o de guarda-livros. (AK I cap. 33)

Há referências seguras de cerca de 21 textos publicados pelo Prof. Rivail, entre livros didáticos e opúsculos diversos referentes à educação. (AK I cap. 37)

Rivail possuía sólida erudição, conhecendo bastante bem as diversas ciências, a filosofia e as artes. Traduziu, preferencialmente, obras alemãs para o francês, e vice-versa. Foi membro de diversas academias culturais, possuindo vários diplomas. (AK I caps. 22, 30, 35)

Contrariamente ao que afirmou Henri Sausse, e alguns mantêm até hoje, Rivail não foi médico (AK I cap. 31). Também não há evidência de que tenha sido maçom, sendo mais razoável assumir que não o foi (AK I cap. 32)

3. Das observações iniciais à primeira edição de *O Livro dos Espíritos*

1848 – Início dos famosos fenômenos espíritas que envolveram a família Fox, em Hydesville (EUA). A 28 de março verificam-se as primeiras manifestações físicas; três dias após, estabeleceu-se a primeira comunicação tipológica. Em poucos anos, fenômenos semelhantes passaram a chamar a atenção pública, não somente nos Estados Unidos, mas também na Europa. Foi a fase das chamadas “mesas girantes”. (AK II 49-60; ver também *As Mesas Girantes e o Espiritismo*, de Zéus Wantuil, publicado pela FEB.)

1854 – Rivail é informado pelo Sr. Fortier, magnetizador seu conhecido, acerca da ocorrência dos fenômenos das mesas girantes. Embora estranhando-os, não os julgou impossíveis, já que poderiam ter alguma causa física ainda não bem determinada. No entanto, algum tempo depois esse mesmo Sr. Fortier lhe disse que as mesas também “falavam”, isto é, davam sinais de inteligência. A reação agora foi cética: “Só acreditarei quando o vir e quando me provarem que uma mesa tem cérebro para pensar, nervos para sentir e que possa tornar-se sonâmbula”. (OP 265; AK II 62)

1855 – No início desse ano, o Sr. Carlotti lhe faz longo relato dos singulares fenômenos. Embora Rivail o conhecesse havia 25 anos, mais uma vez expressa reservas, dado o temperamento exaltado do amigo, tão em oposição ao seu. (OP 266 ; AK II 124)

1855 – Em maio, Rivail vai, em companhia de Fortier à casa da Sra. Roger, sonâmbula, onde conhece o Sr. Pâtier e a Sra. Plainemaison. Este lhe fala dos fenômenos, mas com seriedade e frieza, o que o predispõe, finalmente, a observar os fatos (OP 266)

1855 – Assim foi que, ainda em maio, a convite de Pâtier, Rivail assiste a algumas experiências na casa da Sra. Plainemaison, sita à Rue Grange-Batelière, 18. Rivail impressiona-se com os fenômenos, declarando que se verificavam em condições “que não deixavam lugar para qualquer dúvida. [...] Minhas idéias

estavam longe de precisar-se, mas havia ali um fato que necessariamente decorria de uma causa. Eu entrevia naquelas aparentes futilidades [...] qualquer coisa de sério, como que a revelação de uma nova lei, que tomei a mim estudar a fundo". (OP 267; AK II 64)

1855 – Numa dessas reuniões, conhece a família Baudin então residente à Rue Rochechouart (a partir de 1856 iria para a Rua Lamartine; ver AK II 64). Convidado pelo Sr. Baudin, passou a frequentar assiduamente as sessões semanais que se realizavam em sua casa. Os médiuns eram as filhas do casal, Caroline e Julie, que no início escreviam com o auxílio de uma cestinha. ³ De numerosas e frívolas que eram, sob a influência de Rivail as reuniões passaram a reservadas e sérias, dedicadas à pesquisa racional e metódica do novo domínio. "Compreendi, antes de tudo, a gravidade da exploração que ia empreender; percebi, naqueles fenômenos, a chave do problema tão obscuro e tão controverso do passado e do futuro da Humanidade [...]. Era, em suma, toda uma revolução nas idéias e nas crenças; fazia-se mister, portanto, andar com a maior circunspeção, e não levianamente; ser positivista e não idealista, para não me deixar iludir" (OP 267-68; AK II 64). Rivail submetia aos Espíritos séries de questões visando a elucidar problemas relativos à filosofia, à psicologia e à natureza do mundo invisível. Um grupo de intelectuais encarregou-o de analisar e joear cerca de 50 cadernos, com comunicações espirituais diversas (AK II 71, 68 e 125)

1856 – Nesse ano passou a freqüentar também as reuniões espíritas na casa do Sr. Roustan, na Rue Tiquetonne, 14. O médium era a Srta. Japhet, sonâmbula. As anotações de Rivail, provenientes em grande parte das comunicações obtidas pelas Srtas. Baudin, tomaram as proporções de um livro, embora se saiba que por volta de abril ainda não estava claro para ele que deveria ser um dia publicado (OP 276). Depois que isso se tornou evidente, foi por intermédio da Srta. Japhet que os Espíritos auxiliaram Rivail a fazer uma revisão completa do texto já elaborado. Era "O Livro dos Espíritos". (OP 270, 276 e 277; AK II 72).

1856 – A 30 de abril, pela mediunidade da Srta. Japhet, Rivail tem a primeira notícia de sua missão, em linguagem bastante alegórica. Outras se seguiram, de cunho mais positivo. O conjunto dessas comunicações e, principalmente, os comentários de Rivail indicando sua reação, constituem leitura obrigatória para todos espírita, por sua beleza e elevada significação. (OP 277-87; AK II 69 e 72)

1857 – No início desse ano o texto manuscrito de "O Livro dos Espíritos" está concluído; o editor, E. Dentu, envia-o à Imprimerie de Beau, em Saint-Germain-em-Laye, que dista 23 Km de Paris, a oeste (AK II 73 e 75). As despesas correm inteiramente por conta de Rivail (AK II 257). O casal Rivail residia então à Rue des Martyrs, 8, no segundo andar, nos fundos do pátio, onde estava pelo menos desde março de 1856. (OP 273)

1857 – A 18 de abril, vem à luz a primeira edição de "O Livro dos Espíritos" (Le Livre des Esprits). Contendo os princípios da doutrina espírita sobre a natureza dos Espíritos, sua manifestação e suas relações com os homens; as leis morais, a vida presente, a vida futura e o porvir da humanidade; escrito sob o ditado e publicado por ordem de Espíritos Superiores por Allan Kardec. Paris, E. Dentu, livreiro, Palais Royal, Galerie d'Orléans, 13. ⁴

Essa primeira edição contém 501 questões, distribuídas em 3 partes (176 pp.). Afora a tábua dos capítulos, há um útil índice remissivo ("Table

alphabétique”). Não há conclusões; apenas um Epílogo, de menos de uma página. As notas de Rivail, em número de 17, vêm todas no final, ocupando 12 páginas. Ao longo de toda a primeira parte (“Livre premier. – Doctrine spirite”) adota-se uma forma de exposição dupla: na coluna da esquerda, perguntas e respostas; na da direita, o texto corrido equivalente. É nesta obra que Rivail adota o pseudônimo de Allan Kardec, nome que teria tido em antiga encarnação entre os druidas, sacerdotes do povo celta, que ocupou a Gália, a Grã-Bretanha e a Irlanda (AK II 74-80). No Epílogo, anuncia-se para breve a publicação de um *suplemento*, contendo novos ensinamentos. No entanto, Kardec acaba desistindo da idéia, elaborando, em seu lugar, uma segunda edição “inteiramente refundida e consideravelmente aumentada”, que viria a público em março de 1860 (ver seção 6 deste nosso trabalho). Em 1957 Canuto Abreu publicou edição bilíngüe da primeira edição de “O Livro dos Espíritos”, sob o título O Primeiro Livros dos Espíritos (São Paulo, Companhia Editora Ismael).

4. A Revue Spirite

1858 – A 1º de janeiro Kardec lança o primeiro número da “Revue Spirite” (Revista Espírita), jornal de estudos psicológicos. Contendo o relato das manifestações materiais ou inteligentes dos Espíritos, aparições, evocações, etc., assim como todas as notícias relativas ao Espiritismo. – O ensino dos Espíritos sobre as coisas do mundo visível e do mundo invisível; sobre as ciências, a moral, a imortalidade da alma, a natureza do homem e seu porvir. – A história do Espiritismo na Antigüidade; suas relações com o magnetismo e o sonambulismo; a explicação das lendas e crenças populares, da mitologia de todos os povos, etc. Paris; bureau à Rue des Martyrs, 8.

O primeiro número, com 36 páginas, foi impresso na Imprimerie de Beau, em Saint-Germain-en-Laye, a mesma que já imprimira “O Livro dos Espíritos”; as despesas, como no caso desse livro, também ficaram por conta e risco de Kardec (AK III 21-33; II 76). A Revue era de periodicidade mensal e durante a vida de Kardec funcionou em sua própria residência, ou seja:

- 1º/1/1858 – Rue des Martyrs, 8.
- 15/7/1860 – Passage Ste.-Anne (Rue Ste.-Anne, 59).
- 1/4/1869 – Nessa data estava programada a transferência dos Escritórios e do Expediente para a Librarie Spirite, Rue de Lile, 7, que também sediaria provisoriamente a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas; a Redação iria para a Villa Ségur (Av. de Ségur, 39), casa de propriedade de Kardec pelo menos desde 1860, para a qual se mudaria com a dedicada esposa. (AK III 21-24, 35-37, 118-19; II, pp. 24-25). Kardec desencarnou na véspera.

Era Kardec quem redigia integralmente a revista e cuidava de toda sua correspondência e expedição, trabalho hercúleo suficiente para consumir todo o tempo de uma pessoa ordinária. E isso era apenas uma parte de seus trabalhos, havendo ainda os livros, a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, as centenas de visitantes anuais, as viagens... 5

A *Revue Spirite* constitui rico manancial doutrinário, pouco explorado pelos espíritas. Os originais franceses, necessários para pesquisas cuidadosas, são raríssimos em todo o mundo. Em feliz iniciativa, motivada pela comemoração do 140º aniversário da fundação da Revue, o Centre d’Études Spiritistes Léon Denis, de Thann, França, está inserindo o precioso material em seu “site” na Internet (<http://perso.wanadoo.fr/charles.kempf/>), à razão de um fascículo por mês.

Kardec discorre sobre a idéia da criação da *Revue* em OP 293-94. Em suas próprias palavras, ela tornou-se-lhe “poderoso auxiliar” na elaboração da doutrina e na implantação do movimento espírita (AK III 22; OP 294).

A partir da declaração de propósitos do primeiro número da “Revista” e do exame dos volumes escritos por Kardec (ver também AK III 21-33; II 24-25), podem-se identificar os seus objetivos principais, entre os quais destacam-se:

1. Manter o público atualizado quanto à evolução da ciência espírita;
2. Alertá-lo acerca dos excessos de credulidade e ceticismo;
3. Servir de meio de comunicação entre as pessoas que compreendem a doutrina “sob seu verdadeiro ponto de vista moral”;
4. Veicular relatos de fenômenos espíritas, psicológicos e antropológicos que contribuam para a elucidação da natureza espiritual do ser humano;
5. Fazer a “apreciação racional” desses fenômenos e examinar-lhes as conseqüências;
6. Publicar e analisar criticamente produções mediúnicas selecionadas, obtidas na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas ou enviadas por correspondentes;
7. Sondar a opinião dos homens e Espíritos sobre princípios em elaboração;
8. Examinar, à luz do Espiritismo, as crenças, lendas e tradições referentes aos Espíritos;
9. Comentar artigos de jornais, obras literárias, filosóficas e científicas à luz do Espiritismo.

Kardec editou a *Revue* até o número de abril de 1869, inclusive. Após a morte de Kardec (3/3/69) ela continuou sendo publicada, graças ao idealismo da Senhora Allan Kardec, de Pierre-Gaëtan Leymarie e de Jean Meyer, principalmente (AK III 153-57; *Reformador*, 09/1990, p. 286). A partir de 1913, aditou-se ao título da revista o artigo “la” (‘a’), a qual ficou, desde então ‘La Revue Spirite’ (AK III 32 e 47).

Em lamentável decisão, a publicação foi extinta em 1976 por André Dumas, junto com a Union Spirite Française e, para dar lugar a *Renaître 2000* e a Union des Sociétés Francophones pour l’Investigation Psychique et l’Étude de la Survivance (USFIPES), ambas de cunho não-espírita. Sob a lúcida e firme direção de Francisco Thiesen, a FEB enviou esforços para salvá-la em 1977, não obtendo sucesso (AK III 45-57). Felizmente, em 11 de maio de 1989 a Union Spirite Française et Francophone, com sede em Tours, conseguiu judicialmente recuperar o título, retomando a publicação da *Revue*, com periodicidade trimestral.⁷

5. A Société Parisienne des Études Spirités

1857 – Por volta de outubro desse ano iniciaram-se reuniões espíritas na residência do casal Allan Kardec, à Rue des Martyrs, 8. Aconteciam às terças-feiras à noite e o médium principal era a Srta. Ernance Dufaux. Com o número crescente de freqüentadores, fez-se indispensável encontrar um local mais amplo. A solução encontrada foi alugar uma sala, cotizando-se as despesas entre as pessoas. (OP 294-95; AK III 34)

1858 – A 1º de abril é fundada legalmente a Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas, ou, em francês Société Parisienne des Études Spirités (SPES), cujo título Kardec freqüentemente abreviava para Société Spirite de Paris; ‘Société des Études Spirités’, ou mesmo ‘Société de Paris’.

Foi nas reuniões semanais da Société que boa parte das atividades mediúnicas e de estudo supervisionadas por Kardec se desenvolveram. As portas da SPES não eram abertas ao público, conquanto houvesse “reuniões gerais” em que visitantes apresentados por membros da Société podiam ser admitidos; essas reuniões se alternavam, semanalmente, com as “reuniões particulares”, às quais somente os sócios tinham acesso. Isso se compreende perfeitamente, dados os objetivos das reuniões, ligados essencialmente à pesquisa teórica e experimental dos fenômenos. A Société era, assim como a Revue, um terreno de elaboração da doutrina espírita (OP 294-95; AK III 34-44; II 36-37)

Durante a vida de Kardec, a SPES esteve em três endereços (OP 295; AK III 35-37 e 118):

- 1  /4/1858 – Galerie de Valois, 35, no Palais Royal. As reuniões eram às terças-feiras. O Palais Royal é importante edifício histórico situado ao lado do Louvre. Foi construído pelo Cardeal Richelieu no século XVII. Suas elegantes galerias externas, que circundam o jardim (Galeries Montpensier, de Beujolais e de Valois), foram mandadas construir por Louis-Philippe d’Orléans, na segunda metade do século seguinte. Na Galerie d’Orléans (do séc. XIX) ficavam as livrarias de Dentu (não 13) e Ledoyen (não 31), que editaram várias das obras espíritas de Kardec (ver adiante).
- 1  /4/1859 – Galerie Montpensier, 12, no Palais Royal (num salão do restaurante Douix). Nesse local a SEPES reunia-se às sextas-feiras.
- 20/4/1860 – Passage Ste-Anne (Rue Ste-Anne, 59). Nesse mesmo endereço, a partir de 15 de julho, passa a residir Kardec, que levou consigo a Revue Spirite. Embora nessa época já possuísse a casa da tranqüila villa Ségur, Allan Kardec viu-se na contingência de se alojar nesse apartamento com a abnegada esposa, dividindo espaço com a Revue e a SPES, para economizar seu minguado tempo.
- 1/4/1869 – Estava programada para essa data a transferência provisória da Société para a Librairie Spirite, Rue de Lille, 7. Com a desencarnação de Kardec, a transferência ainda se verifica, mas a SPES não se sustenta por muito tempo. ■

(A parte II. desta Sinopse será publicada em março)

Notas:

1 - Na p. 79 do vol. I da obra Allan Kardec, encontra-se estampada a página de rosto de uma edição parisiense de 1961 do livro de Moreil, da editora Sperar. Em sua introdução a esse vol. I, Thiesen se refere,    p. 26, a uma tradução para o vernáculo, de Miguel Maillet, publicada sem data em São Pulo pela Edicel. Tal tradução brasileira informa em sua página final que a impressão foi concluída em junho de 1966.

2 - A primeira edição dessa biografia data de 1896 e aparecia traduzida na coletânea "O Principiante Espírita", que a FEB publicava no passado; a quarta edição foi prefaciada por Léon Denis (ver Allan Kardec, vol. I, pp. 200, 198 e 29; vol II p. 15). Há referências a uma "nouvelle   dition", de 1910, com prefácio de Gabriel Delanne (ver ibid, vol III, p. 117 e vol. II, p. 15)

3 - Em "Obras Póstumas", p. 271, há uma comunicação atribuída à mediunidade de Senhora ("Mme") Baudin: teria sido uma falha tipográfica, ou ela também era médium? Embora na página 267 Kardec diga que os médiuns eram "as duas senhoritas Baudin", nas comunicações mediúnicas transcritas nunca especifica qual serviu de médium, escrevendo simplesmente "Mllel Baudin". Na Revue Spirite de 1858 (ver AK II 64-65) Kardec refere-se explicitamente a uma série de comunicações transmitidas por Caroline, notando, incidentalmente que "mais tarde o médium se serviu da psicografia direta". Em OP 271 Kardec relata que em fins de 1857 ambas se casaram e a família se dispersou, ficando implícito que não p  de mais contar com sua mediunidade. Em seus

controversos comentários à edição bilíngüe da primeira edição de " Livro Dos Espíritos" (p. VIII), Canuto Abreu avança que Caroline e a irmã tinham, em agosto de 1855, 16 e 14 anos, respectivamente, e que a mais velha era o médium principal; não pudemos confirmar essas informações em fontes independentes.

4 - Esses dizeres que se seguem ao título são os que constam da página de rosto da obra (ver fac-símile à p. 75 de AK II). Observações semelhantes valem para os demais livros de Kardec mencionados nas seções seguintes.

5 - Em 1866 sofreu séria crise de saúde, conseqüente à sobrecarga de trabalho e de preocupações, sendo assistido pelo Dr. Demeure, que o advertiu quanto aos limites das forças corporais. Por insistência desse Espírito, Kardec passou a contar, para a correspondência comum e a parte mais material das tarefas, com a ajuda de um secretário, o Sr. A. Desliens, médium e membro da SPES (AK III 111, 286, 301, 302 e 42). Com a desencarnação do mestre em março de 1869, Desliens ficou como secretário-gerente da Revue, até junho de 1871 (AK III 157,136)

6 - A Union Spirite Française foi fundada por Jean Meyer e Gabriel Delanne em 1919, não tendo relação direta com a antiga SPES, que encerrou suas atividades ainda no século passado, bem pouco tempo após a morte de Kardec. (AK II 16 e 17; III 156)

7 - Notícia veiculada em "Reformador", abril e maio de 1990, pp. 128 e 130, respectivamente; ver também La Revue Spirite, janeiro de 1997 (nº 30), p. 7. Assinaturas podem ser feitas escrevendo-se par o endereço da USFF: 1, Rue du Docteur Fournier, 37000 Tours, France. A USFF pode também ser contatada por e-mail (union.spirite@creaweb.fr), tendo recentemente inaugurado sua "página" na Internet (<http://www.creaweb.fr/union-spirite>). Além de editar La Revue Spirite, a Union promove o intercâmbio entre os grupos espíritas da França (pouco mais de uma dezena, a maioria de criação recente), e tem representado o movimento espírita francês no plano internacional. Segundo se depreende de artigo da autoria de Affonso Soares publicado em Reformador de novembro de 1986 (p. 341), a USFF teria sido fundada em fins de 1985, junto com uma publicação oficial, a Revue des Spirites. No entanto, no número de junho de 1989 do periódico febianos, o mesmo autor diz que a fundação da Union ocorreu em 1987; este dado parece dever-se a um lapso. Neste artigo mais recente assevera-se ainda que a publicação trimestral se chama "La Nouvelle Revue Spirite". Desse modo, antes de conseguir recuperar o título 'La Revue Spirite' o valoroso grupo espírita de Tours teria dado dois outros nomes à sua revista.

A Nosso Favor

JOÃO DA SILVA CARVALHO NETO

“Ele ama a justiça e a equidade; dos efeitos de sua bondade está cheia a terra.” (Salmos 33-5)

Crimes violentos, fome e miséria, injustiça e corrupção vêm criando um clima de angústia e expectativa na humanidade dos nossos dias. Mais do que nunca o homem anseia por paz, mesmo que à revelia de uma minoria que se entrega, contumaz, a toda sorte de desenganos. Mas entre os que se cansaram da dor e do sofrimento ainda existe pessimismo e descrença com relação ao futuro. Uma onda apocalíptica de previsões derrotistas coloca no caminho da Terra destruição e desespero.

A falta de compreensão das leis divinas gera tal situação onde a fantasia veste a roupagem da realidade. Místicos e religiosos fanáticos ou desavisados estimulam a descrença em Deus, por apresentarem-no bom e justo mas capaz de criar um mundo com tantos erros e imperfeições.

Essa situação, aparentemente sem maiores proporções, alcança largo significado na mente dos que se suicidam, dos que abandonam a moral elevada para desregrar-se na volúpia dos prazeres inconseqüentes, dos que por egoísmo não medem o mal que causam aos seus semelhantes. São infelizes desesperados e desinformados quanto à sua destinação superior regida pela sabedoria do Cristo – Governador Espiritual do Planeta. Afligem-se por não poder conviver com a incerteza do amanhã, nem suportar o dissabor que se abate sobre a fragilidade de seu vazio interior.

Ignoram que o mal que assola a superfície do Orbe é fruto da incúria do próprio homem que protagoniza sua história. Ao longo dos milênios que se perdem em páginas sangrentas de guerras e desvarios, esse homem construiu o presente que ora se mostra como conseqüência de seu passado. Esqueceu-se de Deus, da observância de suas leis, do respeito ao seu semelhante, para chafurdar-se na concretização de ideais personalistas em que o centro das atenções é o interesse mesquinho em si mesmo.

Ignoram que a dor que vergasta sua roupagem carnal deriva das marcas indeléveis com que estigmatizou seu corpo espiritual, nas viciações de toda ordem. No cultivo dos hábitos menos felizes do alcoolismo, do tabagismo, da sensualidade desmedida, fraudou a integridade de sua saúde, irresponsável que foi diante do instrumental que lhe permitia a encarnação.

Ignoram que a fome e a miséria, campeando injustiças e violência na sociedade hodierna iniciaram-se no excesso das posses a que se submeteram, enquanto tantos mendigavam o sustento humilhante nas mãos de algumas almas caridosas. No afã de satisfazerem-se dos gozos e gostos que a vida lhes oferecia, desprezaram as necessidades mais aflitivas dos que batiam à sua porta, exacerbando um egoísmo que fere as mais singelas leis da convivência fraterna.

Mas ignoram acima de tudo, mergulhados na dor que convida à reflexão, que a ordem geral do Universo é o Bem, e que nele o Criador baseia a magnanimidade de suas leis. Por isso, a desesperança sem perspectiva no amanhã. Emmanuel, em oportuna mensagem no livro “Fonte Viva”, com o título *Apascenta*, aconselha: “Alimenta a ‘boa parte’ do teu irmão e segue para diante. A vida converterá o mal em detritos e o Senhor fará o resto”.

É preciso que todos saibam nessa hora magna da destinação da Terra, que Deus está a nosso favor. Que não é um ser cruel e vingativo, mas um Pai amoroso e bom que movimenta nossas consciências para o despertar de uma nova era de concórdia e paz.

Quando todos, ou a maioria, aceitarem esta determinação em suas vidas, desaparecerá a revolta e a descrença que nascem do sofrimento mal compreendido, para dar lugar à resignação construtiva que opera, no solidarismo, a base do trabalho de regeneração dessa casa planetária abençoada que nos abriga no universo sem fim.

Somente uma fé raciocinada, calcada nos fundamentos da razão, como a que o Espiritismo nos proporciona, poderá alicerçar forças de sustentação para as horas difíceis que se vão.

A visão mais larga de Deus, de seus atributos, de suas leis, oferece ao espírita a certeza de que Ele está conosco, e que o Bem é ordem inquebrantável na conjuntura de Sua obra. O mal, “a vida converterá em detritos”.

Então saberemos, como disse Paulo, que “se Deus é por nós, quem será contra nós?” (Rom. 8:31.) ■

Radiografia da Vaidade

PASSOS LÍRIO

Não sabemos quem foi o primeiro a afirmar que o elogio é a mais perigosa das armas, mas é fora de dúvida que a vaidade é astuciosa e envenenadora.

Quem se der ao trabalho de relacionar os centenares de fracassos de obreiros e missionários com bem qualificados e oportunos programas de trabalho, nos múltiplos setores das atividades humanas, da religião à ciência, das artes à filosofia, verificará que, na maioria das vezes, a causa inicial foi a vaidade.

A vaidade amolenta as almas, destrói o entusiasmo vivificador, mina as energias do esforço construtivo, entroniza o orgulho, alimenta o egoísmo, descerra portas à intolerância, desperta ambições inferiores, instiga animosidades, sustenta o personalismo exacerbado, enseja disputas enfraquecedoras, empequenece a personalidade dos semelhantes, pavoneando méritos que se atribui a si mesma; quer sempre aparecer, exhibir-se e se não o consegue, melindra-se, irrita-se, inconformada com o ensejo que se lhe escapou; não mede as conseqüências dos seus impropérios maldosamente assacados contra quantos lhe são contrários aos pontos de vista; usa de meios e modos inescrupulosos para chegar aos fins a que se propõe colimar; instala a presunção e atrofia a sensibilidade; jactanciosa, só lhe parece válido o que faz, com desdém ao que não é de sua iniciativa própria; arroga-se o direito de domínio sobre pessoas, situações e coisas e, sem ajuizar do direito que assiste a outrem de pensar de maneira diferente da sua, reage com mau humor e acrimônia; voluntariosa e de extrema susceptibilidade, molesta-se com algo ou alguém que venha de encontro ao seu temperamento; assim, a vaidade se compraz em desorganizar, em desestabilizar, em desestruturar, em demolir para fazer valer a arbitrariedade e prepotência de que é detentora.

Inimiga figadal e irreconciliável do entendimento e da concórdia, a vaidade atira almas contra almas, corações contra corações no intuito de subestimar predicados de espíritos lúcidos, desfigurar valores de mentes esclarecidas, desmerecer dos méritos de personalidades bem formadas; com imagens fantasiosas e argumentos tendenciosos, pretende sustentar auto-suficiência em tudo, enchendo de escolhos os caminhos mais suaves e de atalhos pedregosos os melhores rumos a alentadoras clareiras, obscurecendo e obscurecendo-se.

Adversária ferrenha da modéstia e da humildade, contrária ao bom senso, seus anseios de enganos e engodos golpeiam quadros de trabalhos individuais e coletivos de reconhecida envergadura e de insuspeitas reputações ilibadas, na tentativa de suscitar rebeldias e indisciplinas, de insuflar a desordem até ao ponto onde pode alcançar o seu raio de ação danosa, visando a estabelecer hegemonia discricionária e suscitar crises de hostilidades. Terrível morbo, atua com desfaçatez – é indisfarçável agente de desagregação!

Para nossa salvaguarda e defesa própria desse mal insidioso e de contagiosa contaminação, de outro recurso não dispomos senão o de vigiar, a todo tempo, o coração e a mente, como o agricultor o faz à gleba semeada, para que a germinação, a florescência e a frutificação dos sentimentos enobrecidos, no âmago do nosso ser, não sejam sufocados por essa erva daninha.

Agora então, sobretudo, quando freqüentemente, no dia-a-dia de nossa existência, recebemos de todos os lados, pelas mais variadas e desvirtuadoras

formas, os piores incentivos e apelos de péssimo nível moral; quando, tomados de empáfia, jactanciosamente, pomos em evidência a nossa personalidade por algo que fazemos, com menosprezo pelo que outros fazem; quando circunstâncias adversas requerem de nós condições propícias a que as superemos, para que logremos alcançar, vitoriosos, as metas, no amanhã, do nosso programa de trabalho, mais do que nunca se faz imprescindível uma postura de contínua vigilância e de firme resistência, para não abrimos as guardas à incursão, solerte e engenhosa, da vaidade com o seu malfadado séquito de agentes destrutivos.

Com vistas à consecução de tão oportuno quão apropriado objetivo, é de bom alvitre que nos mantenhamos diuturnamente atentos ao cumprimento dos nossos deveres, à conscientização de nossa responsabilidade, à desincumbência dos nossos compromissos, à compenetração de imperiosa vivência nossa dos padrões de conduta espírita-cristã, a fim de que não sejamos colhidos de surpresa pelos sopros alígeros da vaidade e do tênues fios de sua techedura, que se transmudam, a um só tempo e de uma hora para outra, em vendavais devastadores de nossas perspectivas de redenção e de aranhol de brônzeos filamentos a nos tolherem os passos de ascensão aos Páramos da Espiritualidade.

Mais do que noutros tempos merecem lembradas as anotações de Lucas:

- “O servo que souber da vontade do seu amo e que, entretanto, não estiver pronto e não fizer o que dele queira o amo, será rudemente castigado. – Mas, aquele que não tenha sabido de sua vontade e fizer coisas dignas de castigo menos punido será. *Muito se pedirá àquele a quem muito se houver dado e maiores contas serão tomadas àquele a quem mais coisas se haja confiado.* (12:47-48) (Grifo nosso)

“Qual de vós, tendo um servo ocupado na lavoura ou em guardar o gado, lhe dirá quando voltar do campo: Vem já e põe-te à mesa? E que antes não lhe diga: Prepara-me a ceia, cinge-te, e serve-me enquanto eu como e bebo; depois comerás tu e beberás. Porventura terá de agradecer ao servo por ter este feito o que lhe havia ordenado? *Assim também vós, depois de haverdes feito quanto vos foi ordenado, dizei: Somos servos inúteis, porque fizemos apenas o que devíamos fazer.*” (17:7-10) (Grifo nosso)

Claro posicionamento de flagrante atualidade para nós outros, hodiernos militantes da hostes spiritistas. Precatemo-nos, pois! Precatemo-nos, enquanto ainda há tempo. Não deixemos para amanhã o que podemos fazer hoje, ou, mais avisadamente, não deixemos para depois o que podemos fazer agora. A hora é esta! Saibamos aproveitá-la! Vale a pena! Oportunidade desperdiçada é como um bem que deixamos de desfrutar, sem possível recuperação do seu benefício.

O Egoísmo

GEBALDO JOSÉ DE SOUSA

“O interesse individual é a demonstração da continuação de nossa animalidade. A humanidade começa no homem com o desinteresse”. 1

“Três viajantes encontraram certa vez, um tesouro.

Depois, sentiram fome, e um dos três foi comprar-lhes comida. No caminho, pensou:

- Por que não colocar veneno na comida? Comerão e morrerão, e ficarei com todo o tesouro.

Entretanto, seus companheiros deliberaram também matá-lo e dividir entre si sua parte.

Quando voltou, assassinaram-no, e comeram a comida envenenada e morreram.”2

A bela síntese do conto oriental expressa com fidelidade o resultado invariável das ações egoístas: tragédias, sofrimentos e lágrimas para todos os envolvidos.

Na terra, onde predomina o egoísmo, ações dessa natureza multiplicam infinitas vezes as conseqüências do mal. Daí tantos sofrimentos, tantas lágrimas derramadas, neste Orbe!

A Doutrina Espírita, com o objetivo de educar o ser humano, esclarece-nos que o mal não cessa com a morte física das personagens. Seus desdobramentos são dolorosos, seja no Plano Espiritual inferior – onde cada um sofre as conseqüências de seus atos, entre os quais o ódio e a perseguição dos próprios desafetos -, seja nas reencarnações penosas, mas reparadoras, que se seguirão aos atos desequilibrados, às vezes ao longo de milênios. Ela não poupa o egoísmo e suas seqüelas.

Lemos em “O Livro dos Espíritos” 3 :

“785. Qual o maior obstáculo ao progresso?

O orgulho e o egoísmo. Refiro-me ao progresso moral, porquanto o intelectual se efetua sempre. (...)”

“913. Dentre os vícios, qual o que se pode considerar radical?

Temo-lo dito muitas vezes: o egoísmo. Daí deriva todo o mal. Estudai todos os vícios e vereis que no fundo de todos há egoísmo (...) aí é que está a verdadeira chaga da sociedade. Quem quiser, desde esta vida, ir aproximando-se da perfeição moral, deve expurgar o seu coração de todo sentimento de egoísmo, visto ser o egoísmo incompatível com a justiça, o amor e a caridade. Ele neutraliza todas as outras qualidades”.

“1019. Poderá (...) implantar-se na Terra o reinado do bem?

O bem reinará na Terra quando, entre os Espíritos que a vêm habitar, os bons predominarem (...). Por meio do progresso moral e praticando as leis de Deus; é que o homem atrairá para a Terra os bons Espíritos e dela afastará os maus. Estes, porém, não a deixarão, senão quando daí estejam banidos o orgulho e o egoísmo. (...)”

Os Espíritos verberam o egoísmo, e não deixam dúvidas quanto à sua força maléfica: 4

“O egoísmo, chaga da Humanidade, tem que desaparecer da Terra, a cujo progresso moral, obsta (...). O egoísmo é, pois, o alvo para o qual todos os verdadeiros crentes devem apontar suas armas, dirigir suas forças, sua coragem (...). Que cada um, portanto, empregue todos os esforços a combatê-lo em si,

certo de que esse monstro devorador de todas as inteligências, esse filho do orgulho é o causador de todas as misérias do mundo terreno (...).

É (...) à invasão do coração humano por essa lepra que se deve atribuir o fato de não haver ainda o Cristianismo desempenhado por completo a sua missão”.

“A origem do mal reside no egoísmo e no orgulho: os abusos de toda espécie cessarão quando os homens se regerem pela lei da caridade”.

“Toda a moral de Jesus se resume na caridade e na humildade, isto é, nas duas virtudes contrárias ao egoísmo e ao orgulho (...) orgulho e egoísmo, eis o que não se cansa de combater”.

Antevendo, profeticamente, o somatório do egoísmo de gerações, autores encarnados e desencarnados assinalavam, infelizmente com justas razões, que não haveria descanso, que não haveria segurança para a raça humana, com o predomínio do egoísmo nos corações:

“O egoísmo é a negação da caridade (...) sem a caridade não haverá descanso para a sociedade humana. Digo mais: não haverá segurança. Com o egoísmo e o orgulho, que andam de mãos dadas, a vida será sempre um carreira em que vencerá o mais esperto, uma luta de interesses, em que se calçarão aos pés as mais santas afeições, em que nem sequer os sagrados laços da família merecerão respeito.”⁴

“Não haverá paz entre os homens, não haverá segurança, felicidade social, enquanto o egoísmo não for vencido, enquanto não desaparecerem os privilégios, essas perniciosas desigualdades, a fim de cada um participar, pela medida de seus méritos e de seu trabalho, do bem-estar de todos. Não pode haver paz nem harmonia sem justiça”.⁵

Allan Kardec prescreve o remédio contra esse mal terrível:

“(...) Para que os homens vivam na Terra como irmãos, não basta se lhes dêem lições de moral; importa destruir as causas de antagonismo, atacar a raiz do mal: o orgulho e o egoísmo”⁶

“O homem (...) pesquisa as causas de seus males, para remediá-los. Quando compreender bem que no egoísmo reside uma dessas causas, a que gera o orgulho, a ambição, a cupidez, a inveja, o ódio, o ciúme, que a cada momento o magoam, a que perturba todas as relações sociais, provoca as dissensões, aniquila a confiança, a que o obriga a se manter constantemente na defensiva contra o seu vizinho, enfim a que do amigo faz inimigo, ele compreenderá também que esse vício é incompatível com a sua felicidade e, podemos mesmo acrescentar, com a sua própria segurança. (...)”

O egoísmo é a fonte de todos os vícios, como a caridade o é de todas as virtudes. Destruir um e desenvolver a outra, tal deve ser o alvo de todos os esforços do homem (...)”³ (Comentários à questão 917).

A mentora Joanna de Ângelis⁷ indica-o, claramente, como o causador das misérias humanas, de que a Terra atual anda farta de exemplos:

“Enquanto o egoísmo governe os grupos humanos e espalhe suas torpes sementes, em forma de presunção, de ódio, de orgulho, de indiferença à aflição do próximo, a Humanidade provará a ardência dos desesperos coletivos e das coletivas lágrimas, em chamamentos severos à identificação com o bem e o amor, à caridade e ao sacrifício”.

Os ensinamentos nos alertam, clara e didaticamente, que o mal supremo está no nosso íntimo e se chama egoísmo.

É tempo de o atacarmos pela raiz, extirpando-o de nossos corações. Vigilância, auto-exame, meditação e ações concretas no dia-a-dia, para edificarmos o Bem em nossas vidas, transformando-nos a pouco e pouco para melhor. ■

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

1. AMIEL, *Dicionário de Pensamentos*, org. por Folco Masucci. 5. Ed. São Paulo: Edições Leia, 1961. 625p. p.173
2. AL-GHAZZALI. *As mais Belas Páginas da Literatura Árabe*, org. por Mansour Chalita, p. 134.
3. KARDEC, Allan,. *O Livros dos Espíritos* 80 ed. Rio de Janeiro: FEB, 1998. 494p. p.365, 418-419; 475-476, 422 respectivamente.
4. KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o Espiritismo*. 115 ed. Rio de Janeiro FEB, 1998. 435p. p.191, 260, 246-247, respectivamente.
5. DENIS, León. *Depois da Morte* 20. Ed. Rio de Janeiro: FEB, 1997 329 p. p. 271
6. KARDEC, Allan. *Obras Póstumas*. 28 ed. Rio de janeiro: FEB, 1998 395p. p 226.
7. FRANCO, Divaldo P. *Após a Tempestade*. Espírito Joanna de Ângelis. 5. Ed. Salvador: LEAL, 1992. 137p. p.14.

-//-

Espiritismo e Materialismo

- De que maneira pode o Espiritismo contribuir para o progresso?

“Destruindo o materialismo, que é uma das chagas da sociedade, ele [o Espiritismo] faz que os homens compreendam onde se encontram seus verdadeiros interesses. Deixando a vida futura de estar velada pela dúvida, o homem perceberá melhor que, por meio do presente, lhe é dado preparar o seu futuro. Abolindo os prejuízos de seitas, castas e cores, ensina aos homens a grande solidariedade que os há de unir como irmãos”.

(“O Livros dos Espíritos”, de Allan Kardec. *Da Lei do Progresso*, questão 799, 80. ed. FEB.)

Energia e Consciência

CARLOS BERNARDO LOUREIRO

Para grande número de homens de ciência e de filósofos existe um laço entre a energia e a consciência.

“A consciência – afirma Kostylaff – é uma parte da energia tal como se manifesta no mundo vivente, no homem”.

Henri Berr dis que “a energia em si é, em menor grau, o que o Eu encontra em si mesmo: a tendência a existir, a existir o mais possível”.

Esta profunda modificação das idéias atingiu, também, a Biologia: conheceu-se a repercussão mundial da obra “O Homem e o seu Destino”, do biólogo Pierre Leconte du Noüy, que vê na evolução qualquer coisa mais do que simples jogo das forças físico-químicas e do acaso, isto é, a manifestação de uma idéia, de um Querer Supremo.

Numa obra intitulada “O Dinamismo Ascensional”, outro biólogo – Gustave Mercier – desenvolveu uma concepção, segundo a qual a Vida e o Espírito estão presentes no universo, que a Evolução faz progredir, elemento por elemento, do reino do determinismo ao reino da liberdade. Eis alguns pensamentos deste biólogo-filósofo:

“A criação está sempre em marcha, mesmo quantitativamente. O Universo desenvolveu-se em si mesmo pelo seu esforço, englobando os esforços e o trabalho de todas as partes individuais. Aquilo a que chamamos Vida deriva da organização que não tem limite inferior. O átomo é organizado, porque é vivo. Nenhuma cortina de ferro separa o mundo mineral do mundo orgânico.

“A consciência marca o acesso a um estágio superior – o da espiritualidade – que se define biologicamente como conquista de tempo e do espaço, um domínio próprio conducente ao domínio de grande parte do Universo e à libertação progressiva da servidão material”.

Existe identidade natural entre a energia e a espiritualidade humana e esta permite a progressão e a possessão, em consciência, dos planos que servem de base ao Universo.

E Gustave Mercier conclui:

“O Universo contém em si próprio a sua razão suficiente e a sua justificação. É o mesmo que o homem que, doravante, constitui uma força essencial e que, pelo desenvolvimento da espiritualidade, deve elevar-se à Fonte Suprema que acaba de enriquecer com o seu esforço”.

Enquanto isso, Albert Vandel, professor de Zoologia na Faculdade de Ciência de Toulouse, na sua obra “O Homem e a Evolução”, exprime nitidamente a idéia filosófica fundamental que tende a libertar-se da ciência contemporânea:

“Se a evolução – afirma ele – é, antes de mais nada, desenvolvimento do Espírito, emergência da consciência fora da matéria e do orgânico; se o pensamento é o modo superior do ser, como a energia é a forma nobre da matéria, o sentido da vocação humana não apresenta dúvidas. O Homem deve libertar-se das influências materiais hereditárias, familiares e raciais que traz em suas origens orgânicas, a fim de se empenhar inteiramente na imensa aventura espiritual em que se põe em jogo o destino do mundo”.

E finaliza:

“Todo o processo real se deve processar no plano do Espírito. É por um constante esforço de penetração e de amplificação interior que o homem cumpre o seu destino e participa, ao mesmo tempo, da obra universal... A moral de necessidade e do interesse pessoal que se alimenta nas mesmas fontes da atividade animal, é incapaz de satisfazer aquele que penetrou o sentido e o valor do trabalho humano. O Homem deve labutar na obra coletiva, que o ultrapassa e integra no desenvolvimento universal; e é numa entrega total de si mesmo e numa obrigação sem reserva que deve esgotar a força, a confiança e a alegria”.

Por seu turno, Lincoln Barnett, autor da obra “Einstein e o Universo”, após evidenciar as concepções revolucionárias da Física relativista, mostra como o conhecimento científico é limitado pelo fato de o Espírito humano acabar por se descobrir a si mesmo no Universo que explora.

“Na evolução do pensamento científico – declara Barnett – um fato se tornou infinitamente claro: não há mistério do mundo físico que não conduza ao mistério de nós mesmos. Todas as grandes vias da inteligência, todos os resumos da teoria e das conjunturas conduzem finalmente a um abismo que a natureza não pode franquear. Porque o homem está preso ao seu ser pela sua finalidade e ligação à natureza. Quanto mais alarga os horizontes, mais reconhece que – no dizer do físico Niels Böhr – ‘somos ao mesmo tempo espectadores e autores no drama monumental da existência!’ ”

Entre os progressos da Física e da Biologia, as investigações parapsicológicas dão importante contributo a esta orientação espiritualista do pensamento contemporâneo, que se vai tirando do conhecimento científico em elevado ideal moral e social. Depois de William James afirmar que “vivemos à superfície de uma inteligência imensa”, o Dr. Joseph B. Rhine, pai da Parapsicologia, acredita, firme e racionalmente, que os fenômenos da clarividência e da premonição demonstram que o nosso ser psíquico escapa às limitações do tempo e do espaço, o que já é uma garantia de imortalidade! ■

Alberto de Souza Rocha

ANTÔNIO LUCENA

Após cumprir um ciclo de marcante existência no plano terrestre, retornou à Espiritualidade o inesquecível confrade Alberto de Souza Rocha, no dia 21 de novembro de 1998. Estava com a pressão muito alta, foi levado ao “Procord” de Niterói, próximo da sua residência. O óbito ocorreu no dia seguinte às 10 horas e 20 minutos da manhã.

Seu corpo foi inumado no Cemitério do Maruí, no Barreto, em Niterói. Parentes, amigos e confrades acorreram ao cemitério. Durante toda a manhã o Coral do Centro Espírita “Irmã Scheilla” entoava canções-preces, sob a direção do confrade Norberto Boechat. Antes da saída do féretro, proferiram carinhosas saudações Nilson Viscont, Vice-Presidente do Centro Espírita “Irmã Scheilla”; Edna De Simone, da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro; Darcy Neves Moreira, da União das Sociedades Espíritas do Estado do Rio de Janeiro. Coube a Norberto Boechat proferir a prece pelo saudoso amigo que retornava à Espiritualidade.

Alberto de Souza Rocha nasceu na cidade de Campos dos Goitacazes em 30 de julho de 1923, filho de Sílio Rocha e D. Afonsina Crisolina de Souza Rocha. Depois dos primeiros estudos na escola pública dirigida por sua própria mãe, ingressou no Liceu de Humanidade de Campos, realizando o Curso Ginásial. Transferiu-se para Niterói, ingressando no Liceu “Nilo Peçanha”, onde terminou o Científico, ingressando, então, na Faculdade de Medicina da Universidade Federal Fluminense, também em Niterói, onde se formou na turma de 1950.

Fez Curso pós-graduação de Radiologia, do Professor Nicola Caminha. Foi designado para o Centro de Saúde de São Lourenço, em Niterói, onde exerceu diversos cargos; e no Instituto Nacional da Previdência Social, com exercício no Posto de Urgência. Por algum tempo voltou a Campos trabalhando como médico radiologista no Centro de Saúde de Campos, e no Serviço Social de Indústria daquela cidade. Voltando a Niterói, foi trabalhar no Hospital Universitário “Antonio Pedro”. Ao mesmo tempo dava consultas gratuitas na UMEM – União da Mocidade Espírita de Niterói. Trabalho que já havia realizado em Campos, na instituição fundada e dirigida por Clóvis Tavares, Escola Espírita “Jesus Cristo”.

Era descendente do Professor Bernardino Joaquim da Rocha, famoso no tempo do Império, citado na volumosa obra histórica dos Campos dos Goitacazes pelo historiador Alberto Lamego. O Prof. Bernardino era um estudioso do Espiritismo e mantinha em sua residência um Grupo Espírita, para estudo e pesquisas mediúnicas.

Alberto de Souza Rocha casou-se com D. Marilda Peçanha Rocha, em 13 de junho de 1951, nascendo do matrimônio três filhos: Denizart (médico), Eric (funcionário do Banco Central) e Sheila Peçanha Rocha, todos solteiros.

Descendente de família espírita, seu pai foi médium conceituado em Campos e pertencia à liderança espírita da região. Na infância, Alberto freqüentou a Escola Espírita de Evangelização e, depois, engajou-se no Movimento de Mocidades Espíritas. Era um dos remanescentes do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, de 1948, realizado no Rio de Janeiro, de 18 a 25 de julho daquele ano, sob a coordenação do Prof. Leopoldo Machado. Com Olympio Campos, Carlos Imbassahy, Balbina Ferreira e um grupo de jovens idealistas, fundou a União da Mocidade Espírita de Niterói; juntamente com Floriano Moinho Peres, foi um dos diretores da Federação Espírita do Estado do Rio de Janeiro, no

cargo de Secretário. Em Campos, representou o jornal "O Espírita Fluminense", integrando a Comissão do 1º centenário do Espiritismo, comemorado com muita festa naquela cidade. Com Ramiro Vianna inaugurou o Programa Radiofônico "Espírito da Verdade", ouvido com grande sucesso em toda aquela região.

Alberto de Souza Rocha dedicou-se com muita capacidade à divulgação do Espiritismo, escrevendo para diversos jornais espíritas e não-espíritas, sempre com assuntos doutrinários de muito interesse. E ainda hoje emprestava a sua colaboração ao "Espírita Fluminense", "Mundo Espírita", "O Clarim", "Revista Internacional de Espiritismo", "Correio Fraterno do ABC" e tantos outros.

De sua bibliografia constam os livros "Quando os Espíritas se Encontram", editado pela UMEN; "Reencarnação em Foco", de O Clarim; "Espiritismo e Psiquismo", do Correio Fraterno do ABC; "Bem-Aventurados os que Oram"; "Temas Espíritas em Debate" de O Clarim e "Além da Matéria Densa", do Correio Fraterno do ABC. Deixou, também, alguns livros inéditos, para futuras publicações.

Quando Deolindo Amorim fundou o ICEB-Instituto de Cultura Espírita do Brasil, convidou-o para expositor permanente, cargo que exerceu por muitos anos, afastando-se em 1993, por absoluta necessidade, não aceitando mais tarefas externas, inclusive renunciou à Presidência do Centro Espírita "Irmã Scheilla", do qual foi fundador juntamente com Américo de Oliveira Borges e outros.

Foi muito grande a sua contribuição ao Espiritismo, em diversas áreas, como expositor, escritor, jornalista. Participou de inúmeros eventos, como o 5º Congresso Brasileiro de Jornalistas e Escritores Espíritas, integrando a Comissão Organizadora; do 6º Congresso em Brasília, sendo um dos fundadores da ABRAJEE-Associação Brasileira de Jornalistas e Escritores Espíritas, juntamente com Deolindo Amorim e outros nomes expressivos do Movimento Espírita da época. Deu grande contribuição ao 7º Congresso, no Rio de Janeiro. Foi Presidente do 8º Congresso em São Paulo. Apoiou, como expositor, inúmeras Semanas Espíritas, no Rio de Janeiro e em outros Estados.

Seu retorno ao Plano Espiritual representa grande perda para a Comunidade Espírita, especialmente no setor de divulgação, e para algumas Editoras, nas quais colaborava diretamente. Um vazio se faz junto a todos os seus amigos, que perdem o calor, a compreensão e a dedicação do inolvidável companheiro. ■

I Congresso Espírita Brasileiro

Promovido pela Federação Espírita Brasileira, será realizado pela Federação Espírita do Estado de Goiás o I Congresso Espírita Brasileiro (I CEB), no Centro de Cultura e Convenções de Goiânia, de 2 a 4 de outubro deste ano.

A Comissão organizadora é constituída pelo Presidente (Coordenador) e três Vice-Presidentes da FEB, por três membros do CFN e o Presidente na FEEGO. Em sua primeira reunião, no dia 16 de dezembro passado, na sede da USEERJ, estabeleceu as primeiras diretrizes do Congresso. Após ampla troca de idéias, foram tomadas as seguintes decisões:

Tema central: Título – "Espiritismo no Brasil: Ontem, Hoje e Amanhã". Subtítulo – "Ação de Confraternizar, Unificar e Divulgar".

Objetivos: Gerar um clima de confraternização, com vistas à união dos espíritas e à divulgação do Espiritismo.

Público-alvo: a) Dirigentes e trabalhadores de todas as instituições Espíritas; b) Espíritas em geral; c) Demais pessoas interessadas.

Programação: Foram sugeridos pelos membros da Comissão Organizadora dezenas de assuntos, subordinados ao Tema central, para constituírem o Temário do Congresso, que será desenvolvido na forma de conferências, painéis, seminários, cursos e temas livres. O programa deverá contemplar os três segmentos do público-alvo.

Comissão Executiva: Essa Comissão, responsável pela realização do Congresso sob a supervisão da Comissão Organizadora, ficou assim constituída: Coordenador – Weimar Muniz de Oliveira; Membros – Aston Brian Leão, Cauci de Sá Roriz, Paulo César F. Santos e Jurandir Militão Diogo. Cabe a ela formar tantas subcomissões quantas forem necessárias para as tarefas de preparação e funcionamento do I CEB.

A Comissão organizadora fará sua próxima reunião em Goiânia, no dia 18 deste mês, para deliberar sobre os planos de trabalho que serão apresentados pela Comissão Executiva. Entre os assuntos a serem tratados estarão os critérios para as inscrições, as quais deverão ter início em março ou abril.

REFORMADOR

Campanha promocional

Participe da campanha promocional da Federação Espírita Brasileira para novos assinantes da revista REFORMADOR (*Edição Impressa*).

A cada assinatura nova (no valor de R\$ 24,00) obtida por sócios, assinantes e Centros Espíritas corresponderá um livro, como prêmio, a escolher dentre as obras de Allan Kardec ou André Luiz (F. C. Xavier). O pagamento das assinaturas deve ser feito por cheque, ordem de pagamento, vale postal ou depósito no Banco do Brasil, a crédito da FEB, conta 9062-X Agência 0265-8, pagável à FEB no Rio de Janeiro.

IMPORTANTE: Envie os dados completos dos novos assinantes e do angariador, com a indicação do livro escolhido, bem como o comprovante do pagamento

O Olhar de Jesus

“Busquemos algo do olhar de Jesus para os nossos olhos (...). Emmanuel*

Recordemos o olhar pleno de amor
E compreensão de Nosso Salvador,
A fim de não nos preocupar o argueiro
Que às vezes turva o olhar de um
companheiro.

No cego Bartimeu, de Jericó,
Jesus não vê densas trevas, tão-só,
Mas sim o amigo que anseia enxergar
Para as riquezas de Deus vivenciar.

Em Madalena vê a mulher sofrida,
Pelos demônios da sombra possuída,
E lhe restaura o coração dileto,
Para anunciá-Lo, um dia, ressurreto.

Não vê em Zaqueu o expoente da usura,
Mas o emissário que os bens
enclausura,
E lhe devolve o trabalho e a razão
A sábia e justa administração.

Pedro não é, na negativa instante,
O amigo fraco, e sim invigilante,
A Lhe exigir compreensão permanente,
Até ser luz no Evangelho nascente.

Não vê o ingrato em Judas, mas o irmão
Que se traiu pela própria ilusão,
E ao perdoá-lo, estende à Humanidade
O Seu Amor-Perdão, de idade a idade.

Busquemos algo do olhar de Jesus
Para banhar nossos olhos de luz,
E toda crítica ou maledicência
Será banida de nossa consciência.

Porque teremos, então, atingido
O Grande entendimento prometido,
Que nos fará sentir em cada irmão
Alguém credor de auxílio e compaixão.

E, assim no olhar, em branda semiluz,
Teremos algo do olhar de Jesus...

MÁRIO FRIGÉRI

“O Olhar de Jesus”- Emmanuel –
REFORMADOR, Janeiro/56, pág. 6.

Seara Espírita

CEARÁ: CONGRESSO ESPÍRITA

Promovido pela Federação Espírita do Estado do Ceará, realizou-se no Centro de Convenções Edson Queiroz, em Fortaleza, de 26 a 29 de novembro de 1998, o 4º Congresso Espírita do Estado do Ceará, cujo tema central – “Espiritismo: Renovação da Humanidade” – foi desenvolvido pelos expositores: Djalma Motta Argollo (BA), Mércia Carvalho (RN), Francisco Cajazeiras (CE), José Medrado (BA) e Frederico Menezes (PE).

*

RONDÔNIA ENCONTRO SOBRE O ESDE

A Federação Espírita de Rondônia promoveu o Encontro Estadual de Coordenadores e Monitores do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita (ESDE) em Porto Velho, nos dias 31 de outubro e 1º de novembro/98, com duração de dezesseis horas, e teve como um dos seus objetivos identificar as funções do Coordenador/Monitor e as condições necessárias para o desempenho mais eficaz de sua tarefa. O evento foi coordenado por Maria Túlia Bertoni, de Campo Grande (MS), que integra a equipe do Campo Experimental da FEB, em Brasília.

*

JAPÃO: UNIÃO DAS SOCIEDADES ESPÍRITAS

O Movimento Espírita japonês deu significativo passo no sentido de sua unificação, graças à fundação da União das Sociedades Espíritas do Japão, de que fazem parte a Comunhão Espírita Francisco Cândido Xavier, de Tóquio, o Núcleo de Estudos Espíritas André Luiz, de Aici-Ken, e o Núcleo de Estudos Espíritas Emmanuel, de Nagano-Ken, ficando a presidência com a Comunhão Espírita.

*

PARAÍBA FUNDADA ENTIDADE ARTÍSTICO-CULTURAL

A Associação Paraibana de Arte e Cultura Espírita (Apace) acaba de ser fundada em João Pessoa, com o objetivo principal de promover o intercâmbio artístico-cultural entre amadores e profissionais nos diversos segmentos da sociedade, bem como elevar a especialização da arte espírita. Seu primeiro evento foi a realização da I Noite da Poesia Espírita no dia 13 de Novembro/98, no Teatro Paulo Pontes do Espaço Cultural, que teve o apoio da Federação Espírita Paraibana, da Associação dos Divulgadores do Espiritismo (ADE-PB) e dos Centros Espíritas "O Consolador" e "Ave Luz".

*

NATAL (RN): 15 ANOS DE ESDE

A família espírita de Natal, sob os auspícios da Federação Espírita do Rio Grande do Norte, comemorou os 15 anos da Campanha do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita. O evento ocorreu nos dias 14 e 15 de novembro/98, com a participação de Cecília Rocha, Vice-presidente da FEB.

*

USE-SP: CINQUENTENÁRIO DO CONGRESSO DE MOCIDADES DO BRASIL

Por ocasião das reuniões do Conselho Deliberativo Estadual e do Conselho de Administração, em 13 de dezembro/908, a União das Sociedades Espíritas do Estado de São Paulo comemorou o Cinquentenário do I Congresso de Mocidades Espíritas do Brasil, realizado no Rio de Janeiro, em julho de 1948. Representando a FEB e, particularmente, seu presidente Juvanir Borges de Souza, que foi um dos congressistas, o Vice-Presidente Altivo Ferreira relembrou as origens do Movimento de Mocidades Espíritas e os seus principais eventos nas décadas de 40, 50 e 60 – Concentrações, Congressos, Confraternizações, em níveis estadual, interestadual e nacional.

*

INGLATERRA: LIVRARIA ESPÍRITA EM LONDRES

O lançamento do livrete “ABC das Obsessões” culminou com a inauguração da Livraria Espírita “Joanna de Ângelis Spiritist Bookshop & Publications”, em Londres, Inglaterra, com o seguinte endereço: 30 Maltby Drive, Enfield EN1 4EH, England, Tel-Fax (0181) 804-1679. A inauguração contou com a presença do médium e tribuno espírita Divaldo Pereira Franco (*O Imortal*).

*

LIVROS ESPÍRITAS EM BRAILLE

A Sociedade Pró-Livro Espírita em Braille, com sede na rua Tomaz Coelho, 51, Vila Isabel, Rio de Janeiro, CEP 20540-110, imprime em Braille e distribui, gratuitamente, livros da Codificação Espírita e diversas obras doutrinárias, mediúnicas, didáticas e outras de interesse dos deficientes visuais. Os interessados podem contatar a SPLEB por escrito ou pelo telefone – (021) 288-9844 e Fax (021) 572-0049.

*

SERGIPE: MOVIMENTO DE UNIFICAÇÃO

A Federação Espírita do Estado de Sergipe promoveu o Seminário “O Movimento de Unificação” no período de 5 a 6 de dezembro/98, destinado a Presidentes dos Centros Espíritas e trabalhadores do atendimento fraterno, quando foram abordados, pelo expositor Valter Borges de Oliveira, de Belo Horizonte (MG), os assuntos: o atendimento fraterno no Centro Espírita; como melhorar o relacionamento fraternal entre os trabalhadores da instituição; e a formação de trabalhadores para as tarefas da Unificação.